

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CURSO DE JORNALISMO**

EDUARDA VAQUEIRO MEDINA

**REPRESENTAÇÕES DOS PALESTINOS NO CONFLITO ISRAEL-HAMAS: UMA
ANÁLISE DA COBERTURA DA FOLHA DE S. PAULO E DO BRASIL DE FATO**

São Borja

2024

EDUARDA VAQUEIRO MEDINA

**REPRESENTAÇÕES DOS PALESTINOS NO CONFLITO ISRAEL-HAMAS: UMA
ANÁLISE DA COBERTURA DA FOLHA DE S. PAULO E DO BRASIL DE FATO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Jornalismo da
Universidade Federal do Pampa, como
requisito parcial para obtenção do Título
de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Eloisa Joseane Klein

São Borja

2024

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

M491 Medina, Eduarda

Representações dos palestinos no conflito Israel-Hamas: Uma análise da cobertura da Folha de S. Paulo do Brasil de Fato/ Eduarda Medina – 2024.

73 p.

Orientadora: Eloisa Joseane da Cunha Klein
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Pampa, Jornalismo - Campus São Borja, 2024.

1. Representações sociais. 2. Palestinos. 3. Enquadramento.

EDUARDA VAQUEIRO MEDINA

REPRESENTAÇÕES DOS PALESTINOS NO CONFLITO ISRAEL-HAMAS: UMA ANÁLISE DA COBERTURA DA FOLHA DE S. PAULO E DO BRASIL DE FATO

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo.

Monografia defendida e aprovada em 3 de dezembro de 2024.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Eloisa Joseane da Cunha KleinOrientadora
(Unipampa)

Profa. Dra. Vivian de Carvalho Belochio
(Unipampa)

Profa. Dra. Lara Nasi
(UFPEL)



Assinado eletronicamente por **ELOISA JOSEANE DA CUNHA KLEIN, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 12/02/2025, às 15:01, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **VIVIAN DE CARVALHO BELOCHIO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 13/02/2025, às 12:34, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Fernanda Ellen Klein Nordt, Usuário Externo**, em 13/02/2025, às 13:25, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Lara Nasi, Usuário Externo**, em 13/02/2025, às 14:14, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1668943** e o código CRC **E0B88939**.

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso à minha avó, Maria Isabel de Menezes Vaqueiro, que faleceu durante a minha graduação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha família, irmãos, tios, avós, mas, principalmente, à minha mãe, que não mediu esforços para que eu vivenciasse a graduação da forma mais confortável possível. Sem essa base familiar, a concretização do curso não teria o mesmo significado.

À Larissa, o presente que a universidade me deu, minha colega, melhor amiga e família. Sem ela, as vivências na universidade e na cidade não teriam sido as mesmas. A companhia e apoio nos momentos bons e difíceis foram fundamentais para que eu chegasse até aqui.

Agradeço também, à minha professora e orientadora, Eloisa Klein, que, desde o início da escolha do tema da monografia, abraçou a pauta e, a cada conversa, me mostrava que era possível materializá-la. Também me mostrou o quanto minhas ideias eram moldadas pela hegemonia e me ajudou a desconstruí-las e a construir este trabalho.

Aos meus amigos Lucas e Tamara, que me ajudaram a entender as discussões e reflexões que compõem este trabalho. Nossas conversas mostraram a dimensão e a relevância do tema aqui tratado

Aos meus colegas do PET História da África, que foram o um espaço de acolhimento dentro de um ambiente que, muitas vezes, é tão violento para nós. Pela primeira vez, encontrei pessoas que compartilhavam experiências de vida semelhantes às minhas e entendiam as complexidades das questões que nos atravessam. Obrigada por serem base nesse processo de autoconhecimento e acolhimento.

Às jornalistas Flávia Oliveira e Isabela Reis, que dão vida ao podcast Angu de Grilo e motivaram minha escolha pelo jornalismo. Agradeço a elas pelo jornalismo que foge do convencional, que apresenta uma perspectiva humana e social, e que me mostrou que é possível exercer a profissão com base em princípios que transformam e humanizam as narrativas.

E, o mais importante, agradeço a Deus, que, durante esses quatro anos, assim como em toda a minha vida, me escutou e me abraçou para que eu chegasse até aqui.

“Ser definido como terrorista é o preço que os palestinos pagam por se recusarem a aceitar a opressão de suas vidas e territórios”

Sâmia Teixeira

RESUMO

Este trabalho propõe uma análise da representação social do povo palestino na cobertura de dois jornais brasileiros, a Folha de S. Paulo e o Brasil de Fato. Os portais de ambos os jornais foram escolhidos em razão de o primeiro representar um grande veículo de comunicação, representante da mídia hegemônica do país, e outro um jornal e portal independente, com linha editorial vinculada aos setores progressistas. O recorte para o desenvolvimento da análise é o período que vai de 7 de outubro (quando houve um ataque inesperado do Hamas em território Israelense e Israel declarou guerra ao Hamas), até 6 de novembro, quando o conflito completava um mês e a agenda do noticiário dava ênfase à questão. O trabalho aborda o impacto histórico e atual do conflito, ressaltando a importância de narrativas que respeitem a dignidade humana e a complexidade da questão. A análise tem por base a teoria de representações sociais e o conceito de enquadramento jornalístico, que permitem compreender características sobre a abordagem do povo palestino.

Palavras-Chave: Representações sociais, palestinos, enquadramento; Folha de S. Paulo, Brasil de Fato.

ABSTRACT

This study proposes an analysis of the social representation of the Palestinian people in the coverage of two Brazilian newspapers, Folha de S. Paulo and Brasil de Fato. The websites were selected due to the former representing a major media outlet and a key player in the country's hegemonic media landscape, and the latter being an independent newspaper and portal with an editorial line tied to progressive sectors. The analysis focuses on the period from October 7 (when Hamas launched an unexpected attack on Israeli territory and Israel declared war on Hamas) to November 6, marking one month of the conflict, during which the news agenda heavily emphasized the issue. The study addresses the historical and current impacts of the conflict, emphasizing the importance of narratives that uphold human dignity and the complexity of the issue. The analysis is grounded in the theory of social representations and the concept of journalistic framing, which enable an understanding of the characteristics of the portrayal of the Palestinian people.

Keywords: Social representations, Palestinians, framing, Folha de S. Paulo, Brasil de Fato.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1– Mapas com os planos de partilha da Organização das Nações Unidas (ONU) e fronteiras atuais de Israel.....	19
Figura 2 – Mapa dos assentamentos na Cisjordânia	20
Figura 3 – Mapa da Faixa de Gaza.....	50
Figura 4 – Gráfico do crescimento populacional na Faixa de Gaza.....	51
Figura 5 – Fotografia de palestinos removendo cerca que separa a Faixa de Gaza do sul de Israel.....	52
Figura 6 – Fotografia de mulheres e crianças deixando o norte da Faixa de Gaza em 2023.....	53
Figura 7 – Fotografia de mulheres e crianças deixando a Galileia em 1948.....	54
Figura 8 Fotografia de pessoas lamentando mortes em após ataque em hospital em Gaza.....	63
Figura 9 – Fotografia de profissional segurando uma criança ferida.....	63

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Cobertura da Folha de S. Paulo.....	46
Tabela 2 – Cobertura do Brasil de Fato.....	58

LISTA DE SIGLAS

UNRWA - Agência das Nações Unidas de Socorro e Obras Públicas aos Refugiados da Palestina no Oriente Próximo

ANP ou AP - Autoridade Nacional Palestina

OMS - Organização Mundial de Saúde

lpcd - litros per capita por dia

ONU - Organização das Nações Unidas

OLP - Organização para a Libertação da Palestina

SUMÁRIO

2	Contextualização sobre a questão histórica da Palestina.....	17
2.1	O contexto geográfico e aspectos sociais da Palestina.....	17
2.2	Aspectos sociohistóricos da região e dos conflitos.....	21
2.3	Síntese do acontecimento de 7 de outubro e derivações.....	26
3	Representações sociais e coberturas jornalísticas.....	28
3.1	Representação social: conceito e abordagem social.....	28
3.2	Enquadramento jornalístico e fixação de representações sociais.....	31
3.3	As representações sociais na cobertura de acontecimentos sobre a questão Palestina.....	34
4	Crítérios e processo de seleção do objeto de estudo.....	37
4.1	Da seleção do observável e definição de recorte.....	37
4.1.1	Primeira fase da coleta de dados da Folha de S. Paulo e The Intercept.....	37
4.1.2	Inclusão do Brasil de Fato.....	39
4.2	Empresas jornalísticas selecionadas e plataformas digitais.....	40
4.2.1	A Folha de S. Paulo.....	40
4.2.3	Instagram e site das empresas analisadas.....	41
5	Representação social dos palestinos na Folha de S. Paulo e no Brasil de Fato 45	45
5.1	Descrição dos procedimentos.....	45
5.2	Análise da Folha de S. Paulo.....	47
5.2.1	Ancoragem.....	48
5.2.2	Objetivação.....	49
5.2.3	Associação a imagens.....	52
5.2.4	Operação de dar nomes.....	55
5.2.5	Orientalismo.....	56
5.2.6	Destaque e silenciamento.....	58
5.3	Análise do Brasil de Fato.....	59
5.3.1	Ancoragem.....	60
5.3.2	Objetivação.....	61
5.3.3	Associação a imagens.....	62
5.3.4	Operador “dar nomes”	64
5.3.5	Orientalismo.....	65
5.3.6	Dar destaque e silenciamento.....	65
5.4	Perspectiva geral sobre a representação do povo palestino nos dois jornais.....	66
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
	REFERÊNCIAS.....	70

1 Introdução

O conflito entre Israel e a Palestina é um dos mais antigos e complexos da história contemporânea, envolvendo disputas territoriais e políticas, que impactam muito na opinião pública. Esta monografia propõe uma análise de como foi realizada a representação social do povo palestino na cobertura de dois jornais brasileiros, a Folha de S. Paulo e o Brasil de Fato. O período do recorte se situa após a última escalada do conflito no Oriente Médio, quando no dia 7 de outubro de 2023, Israel declarou guerra contra o Hamas, após um ataque do grupo à Israel. Os dois veículos selecionados têm linhas editoriais diferentes. Enquanto a Folha de S. Paulo é um veículo de grande circulação no Brasil, o Brasil de Fato está mais alinhado à uma perspectiva editorial mais voltada aos movimentos sociais e questões populares.

O conflito entre Israel e Palestina tem início ainda no século XIX, quando começou a ascensão do movimento sionista na Europa, que buscava estabelecer um Estado judeu na Palestina. No período, assim como o restante do Oriente Médio, a região era controlada pelo Império Turco-Otomano. Com o fim da Primeira Guerra Mundial, em 1918, a região ficou sob domínio do Reino Unido, que facilitou a entrada de judeus no território, especialmente após o Holocausto na Segunda Guerra Mundial, o que intensificou as tensões com os palestinos, que viam seus direitos e terras sendo gradativamente desconsiderados.

Em 1947, a Organização das Nações Unidas (ONU) propôs um plano de partilha que previa a criação de dois Estados, um árabe e um judeu, mas ele foi rejeitado pelos árabes, que viam no acordo proposto algumas injustiças. Com a criação do Estado de Israel em 1948, iniciou a Nakba ("catástrofe" em árabe), marcada pela expulsão de centenas de milhares de palestinos de suas terras, um padrão de deslocamento forçado e exclusão que existe até hoje. Este cenário reflete um longo histórico de sofrimento para o povo palestino, que enfrenta desafios em acessar direitos básicos, preservar sua identidade cultural e alcançar reconhecimento político.

O objetivo deste trabalho é fazer uma análise sobre a representação social presente nas abordagens desses dois meios de comunicação, analisando como cada perspectiva editorial influencia o tipo de representação do povo palestino como aparece nas notícias. Essa reflexão contribui para um olhar crítico sobre o papel da

mídia na formação da opinião pública e na compreensão desse conflito e no modo como pensamos sobre os outros povos do planeta Terra.

Como justificativa acadêmica, este estudo oferece uma oportunidade para compreender as nuances da narrativa midiática sobre um acontecimento complexo. Compreendemos o acontecimento midiático a partir de Ana Rosa e Mariane Santos (2020, p. 1), que consideram que acontecimentos irrompem na sociedade e causam uma espécie de comoção social. Socialmente, a relevância deste estudo está na importância de uma cobertura jornalística plural e contextualizada sobre questões sensíveis. Uma cobertura jornalística tem o poder de moldar percepções e construir estereótipos, o que torna fundamental uma análise crítica das narrativas veiculadas pelos meios de comunicação. E como justificativa pessoal, essa pesquisa se alinha à convicção de que todas as pessoas têm direito à dignidade e à humanização. É crucial que as populações sejam representadas além de estereótipos, e que tenham sua história contada de forma completa e justa, destacando também seus direitos à vida e à dignidade.

No primeiro capítulo é feita uma contextualização que situa geograficamente a Palestina e os aspectos sociais e humanitários de seus habitantes. Também é apresentada uma contextualização histórica explicando como a situação chegou no ponto atual, além de uma breve síntese explicando os acontecimentos de 7 de outubro de 2023 e acontecimentos iniciais. No segundo capítulo, é abordado o conceito de representações sociais e relação com a comunicação, além de uma análise de como o enquadramento jornalístico pode influenciar nessas representações. No terceiro capítulo, é descrito o percurso metodológico que chegou até a seleção do objeto de análise. Por fim, no quarto capítulo é realizada a análise da representação social nos conteúdos selecionados, com foco nos dois jornais estudados.

2 Contextualização sobre a questão histórica da Palestina

Este capítulo trata da reflexão sobre a questão histórica e cultural relacionada à Palestina.

2.1 O contexto geográfico e aspectos sociais da Palestina

A Palestina é uma região situada entre o mar mediterrâneo e o Rio Jordão, onde vivem a maioria dos palestinos hoje. A Faixa de Gaza é uma pequena área com cerca de 41 km de extensão e 6 a 12 km de largura, localizada no sudoeste de Israel, governada pelo grupo islâmico Hamas. Gaza tem cerca de 2 milhões de habitantes e é considerada uma das áreas mais densamente povoadas do mundo. Segundo a Agência das Nações Unidas de Socorro e Obras Públicas aos Refugiados da Palestina no Oriente Próximo (UNRWA, na sigla em inglês), as taxas de pobreza na comunidade de refugiados palestinos, que constituem a maioria da população da cidade de Gaza, estão em torno de 80%.

A área é considerada a maior prisão a céu aberto do mundo, devido ao controle militar israelense na área, que faz um bloqueio de quem e do que entra e sai. Abu-Baker (2017, p. 43) explica que esse bloqueio afeta até o acesso à água da população palestina. O aquífero costeiro, que é a única fonte de água doce para os palestinos em Gaza e também é compartilhado por Israel, sofre com a superexploração e a poluição, o que resultou na deterioração da qualidade da água, tornando 95% do aquífero inadequado para o consumo humano.

Além disso, Israel impede a entrada de materiais para que os palestinos possam desenvolver ou reparar essas infraestruturas de água e saneamento. Grande parte desta infraestrutura foi alvo de ataques israelenses durante as diversas guerras na região e como consequência, cerca de 100 mil pessoas em Gaza não têm acesso à rede de distribuição de água. Aqueles que estão conectados recebem água de forma irregular, e quando recebem é com salina e imprópria para o consumo. Sendo assim, 95% da população depende de água dessalinizada, que é comprada de fornecedores privados. Segundo Abu-Baker (2017, p.43), muitos palestinos de Gaza gastam quase um terço de sua renda em água, o que é um valor considerável, tendo em vista a precarização das condições econômicas na região.

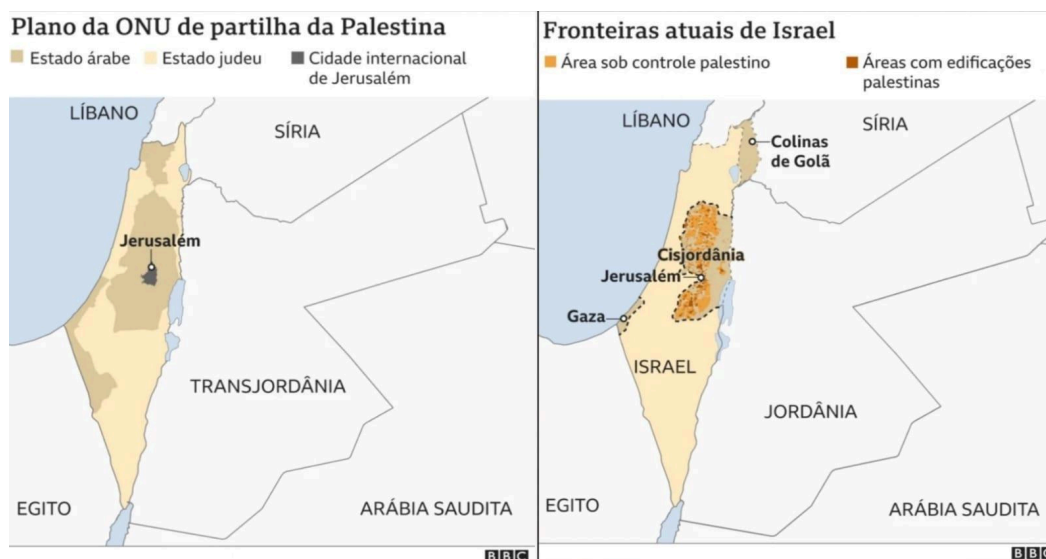
Como a Palestina foi desmembrada para a criação do Estado de Israel, a outra área, conhecida como Cisjordânia, fica localizada entre o leste de Israel e a Jordânia, e é governada pela Autoridade Nacional Palestina (ANP ou AP). A AP é liderada pelo partido político Fatah, que atua como seu principal representante. A Cisjordânia conta com uma população de 2,7 milhões de palestinos, mas também possui diversos assentamentos israelenses na região, mesmo que, seja reconhecida como território palestino por organizações internacionais.

Essa região palestina também sofre com algumas violação de recursos, porém, não da mesma forma que em Gaza, mas ainda assim, de acordo com Abu-Baker (2017, p. 41), na Cisjordânia, mais de 500 mil colonos israelenses utilizam cerca de seis vezes mais água do que os 2,6 milhões de palestinos que moram na área. A Organização Mundial da Saúde (OMS) recomenda que o consumo mínimo seja de 100 litros per capita por dia (lpcd), enquanto os palestinos na Cisjordânia consomem, em média, 72 lpcd. Os israelenses em Israel consomem cerca de 300 lpcd por dia e os colonos israelenses nos assentamentos ilegais na Cisjordânia chegam a consumir 369 lpcd.

Os Acordos de Oslo II dividiram a Cisjordânia em áreas A, B e C, e colocaram a responsabilidade de fornecer água para as populações nas áreas A e B para a AP. Mas, Israel limita a capacidade da AP de cumprir essa função de diversas formas.

Os palestinos que vivem na área C são os mais impactados, porque Israel se recusa a conectar 180 comunidades a uma rede de água. Além disso, 122 dessas comunidades, mesmo conectadas, tem um fornecimento irregular ou nenhum fornecimento, devido ao sistema israelense de planejamento que é discriminatório, que dificulta o desenvolvimento de infraestrutura hídrica pelos palestinos, pois essas construções correm o risco de serem demolidas ou confiscadas (Abu-Baker 2017, p 41).

Figura 1 - Planos de partilha das Organização das Nações Unidas (ONU) e fronteiras atuais de Israel

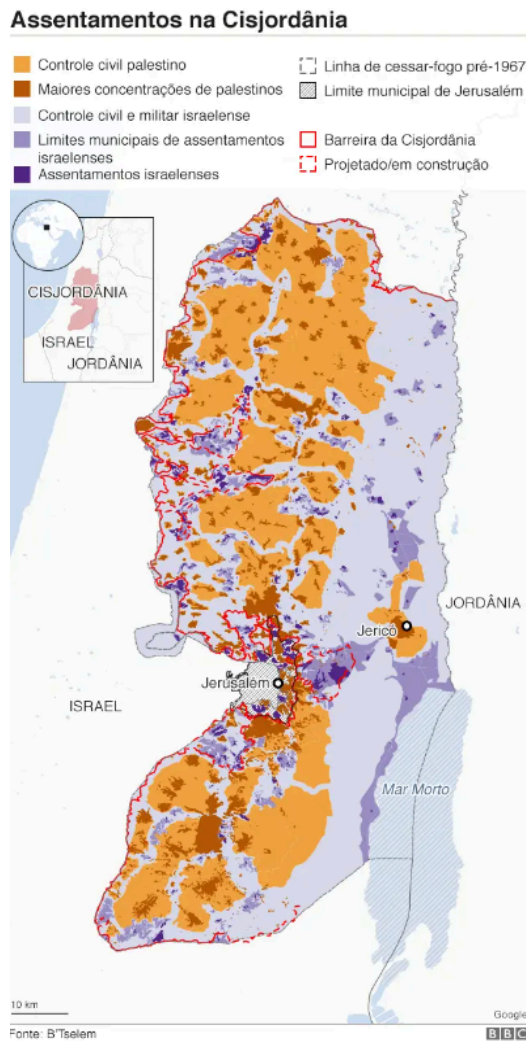


Fonte: fotografia de tela do site da BBC News

O primeiro mapa da figura 1 se refere ao que seria a partilha dos dois estados determinada pela ONU em 1947. As áreas que seriam destinadas ao Estado árabe estão marcadas em bege claro, enquanto as destinadas ao Estado judeu aparecem em bege escuro e Jerusalém, considerada uma cidade internacional, é destacada em cinza

Já no segundo mapa da figura 1 mostra como está atualmente a divisão do território, a Faixa de Gaza aparece menor em comparação com o primeiro mapa. Além disso, o segundo mapa ilustra a divisão atual do território, destacando a Cisjordânia e Gaza em tons mais escuros como áreas sob controle palestino e as áreas com edificações palestinas, que seria onde realmente é povoado por palestinos, estão em laranja.

Figura 2 - Assentamentos na Cisjordânia



Fonte: BBC News

A figura 2 mostra o mapa dos assentamentos na Cisjordânia, representando como está a divisão territorial e como é o controle de cada. Em laranja, estão as áreas de controle palestino, em marrom, onde estão as maiores concentrações de palestinos, e em roxo, as áreas com controle civil e militar israelense, onde se localizam os assentamentos israelenses que estão marcados em azul. Além disso, as linhas vermelhas são os perímetros de assentamento nas áreas projetadas ou em construção de novos assentamentos. Também, a barreira da Cisjordânia, que está indicada por uma linha preta, que atravessa o território e muitas vezes cortando áreas palestinas. Além, está incluído no mapa a linha de cessar-fogo pré-1967 (linhas tracejadas), que delimita a Cisjordânia antes da ocupação israelense.

Diversos aspectos negativos implicam a falta de soberania no Estado da Palestina, como a falta de cidadania plena, afetando a capacidade de viajar, trabalhar e viver em condições estáveis. Além disso, os palestinos vivem sob ocupação ou bloqueio, com seus direitos civis, políticos e econômicos limitados. A ausência de um Estado Palestino soberano significa que eles não têm representação política internacional efetiva e que o povo sofre com a falta de controle sobre suas próprias terras e futuro.

Francisco Nascimento (2005, p.6) explica que a soberania de um povo depende da existência de um Estado constituído e reconhecido, o que é fundamental para a organização de uma nação e permitindo que ela tome decisões autônomas. A soberania é exercida sobre um território, onde o Estado-nação, como símbolo do povo tem a autoridade para gerenciar a sociedade e garantir uma organização, inclusive utilizando a força, se necessário. O Estado-nação se manifesta no espaço geográfico, onde suas ações produzem uma territorialidade, delimitando a área sobre a qual exerce controle exclusivo, o que se configura como a expressão política de soberania.

Para compreender como a Palestina chegou nesta atual situação, é necessário entender como foi o início desta questão com Israel, o que vamos abordar no próximo item.

2.2 Aspectos sociohistóricos da região e dos conflitos

O Oriente Médio sempre foi palco de intensos conflitos, sendo uma região considerada sagrada pelas três grandes religiões monoteístas do mundo: cristianismo, islamismo e judaísmo. Até 1918, a região estava sob o domínio do Império Turco-Otomano. Com o fim da Primeira Guerra Mundial em 1918, na qual o Império Otomano se aliou à Tríplice Aliança e foi derrotado, e então a região foi dividida entre a França e a Grã-Bretanha. A Palestina, em particular, ficou sob o controle britânico.

No século XIX, já crescia na Europa o movimento sionista, que defendia a criação de um Estado para os judeus em resposta à perseguição sofrida por eles. Esse movimento ganhou a simpatia britânica, pois os viam a oportunidade de conquistar aliados. Vasco Cunha (1998, p.8) explica como foi esse processo:

[...] em 1917 o governo britânico (Declaração Balfour), no sentido de obter para os aliados o apoio dos judeus russos (Século do Povo, Vol. 4, p. 175) e a fidelidade dos judeus estabelecidos na Palestina turca, encorajou a criação de um "lar nacional judaico" na Palestina, salientado que essa criação se faria sem prejuízo dos direitos dos outros povos não judaicos ali residentes. (Cunha, 1998, p. 8).

Antes da Declaração de Balfour em 1917, que favorecia a criação de um 'lar nacional' para o povo judeu na Palestina, a população judaica na região era inferior a 100 mil pessoas. No entanto, até 1947, esse número cresceu para mais de 600 mil. Para os sionistas, a criação de um Estado judeu na Palestina, considerada a terra ancestral do povo judeu, era uma questão de justiça histórica. A aliança com a Grã-Bretanha facilitou a imigração de judeus para a região.

Como aponta Cunha (1998, p. 9), a população palestina sofreu diversas violações, como a educação das crianças árabes sendo colocada sob controle direto dos ingleses, enquanto os judeus tinham permissão para estabelecer suas próprias escolas com professores judeus. Além disso, os judeus também eram beneficiados no setor econômico, pois recebiam concessões industriais, justificadas pelos britânicos pela suposta maior qualificação dos judeus, porque eram oriundos da Europa. Isso levou à migração de milhares de jovens judeus para a Palestina, que foram formando povoados na região.

Com o término da Segunda Guerra Mundial em 1945 e o impacto do Holocausto, a questão da imigração judaica para a Palestina se tornou uma questão de solidariedade global. "A miséria dos sobreviventes junto ao sentimento de culpa dos aliados outorgou, em fins dos anos 1940, um crédito de simpatia internacional aos sionistas" (Demant apud Valdeli Collares, 2012, p. 25). Os judeus foram se estabelecendo cada vez mais no território palestino, com financiamento de diversos países, como os Estados Unidos. Isso gerou um problema em relação à divisão das terras. A Grã-Bretanha saiu da região, e a ONU foi encarregada de solucionar a questão, propondo a criação de dois Estados, um para Israel e outro para a Palestina.

Os judeus aceitaram a proposta da ONU, contudo, os representantes árabes recusaram a proposta da ONU, argumentando que ela destinava a maior parte das terras férteis e o acesso aos principais mananciais de água potável à população judaica, enquanto deixava grande parte do deserto de Neguev para os palestinos, tornando a proposta inviável para eles (Collares, 2012, p. 27).

Em 15 de maio de 1948, Israel se declarou um Estado, data que os palestinos lembram como o Dia de Nakba, ou "desastre", devido ao êxodo de cerca de 711 mil árabes-palestinos, que moravam na região que se tornou Israel, pois fugiram ou foram expulsos da região.

Hannah Arendt nos dá um instrumental conceitual perfeito para essa nova situação do povo palestino onde não se tem um Estado soberano, não tem direito a ter direitos. Para ela, "o direito a ter direitos realiza o direito de participar do jogo do mundo, de pertencer a uma comunidade organizada e definir como ela vai ser gerida. É ele que transforma os indivíduos em cidadãos" Arendt (1989, p.330). Nesse sentido, a sua perda determina a privação do político, portanto, a perda de todos os demais direitos, tornando as pessoas isoladas, invisíveis, descartáveis, supérfluas (Collares, 2012, p. 28).

Após a proclamação do Estado de Israel, a expansão israelense continuou. De acordo com Marcel Pordeus, Kátia Santos e Wildeson Caetano (2024, p. 247), essa questão é, na verdade, um processo de colonização, mais conhecido como um 'colonialismo moderno', no qual Israel está como colonizador, pois se consolidou sobre o território palestino a partir de 1948, com apoio britânico, e envolveu uma série de concessões militares. Essas ações tinham como objetivo apropriação de terras e a expulsão da população palestina.

A criação do Estado de Israel em uma região onde já habitavam diversos povos não foi apenas um marco político, mas também o início de uma dinâmica colonial clássica, que segundo Marcel Pordeus, Kátia Santos, & Wildeson Caetano (2024, p. 247) se caracteriza por um deslocamento forçado da população nativa daquela região e pela apropriação de seus recursos, como terras e meios de subsistência. Esse processo é semelhante ao padrão histórico de projetos coloniais, tem como centralidade a expropriação das terras e o controle sobre a economia local. A partir desse contexto, o Estado de Israel continuou promovendo o deslocamento físico dos palestinos, e também a destruição da estrutura social e cultural, reforçando esse caráter colonizador.

A criação de um novo Estado de Israel levou a uma série de guerras no Oriente Médio, incluindo a Guerra de Independência (1948-1949), Crise de Suez (1956), Guerra dos Seis Dias (1967), Guerra do Yom Kippur (1973), entre outras.

Vários movimentos de resistência árabe foram criados no Oriente Médio ainda no Império Otomano, entre eles, o mais conhecido, foi a Irmandade Muçulmana, que

foi fundada no Egito em 1928, é um movimento que prega a criação de um Estado baseado nos princípios do Islã.

Hassan al- Banna, fundador da Irmandade em 1928, preocupava-se com o esvaziamento das mesquitas e o crescente processo de modernização que não incluía a vasta maioria dos egípcios. Visava basicamente à reforma fundamental da sociedade muçulmana, abalada pela experiência colonial e apartada de suas raízes. [...] Nessa perspectiva, Banna acreditava que a cega imitação ao Ocidente trouxera valores estranhos ao Islã: imoralidade, atividade missionária e dominação imperial. Ele assinalava o contraste entre as casas luxuosas dos ingleses e os casebres miseráveis dos trabalhadores, que segundo ele, era humilhante e mostrava como o processo de modernização era excludente. (Collares, 2012, p.32)

Outro movimento foi a Organização para a Libertação da Palestina (OLP), fundada em 1964, era uma organização secular e nacionalista que buscava a criação de um Estado palestino independente e laico. Nos anos 1980, a OLP, sob a liderança de Yasser Arafat, passou a buscar uma solução negociada com Israel, resultando nos Acordos de Oslo de 1993, que foram uma série de tratados de paz assinados entre Israel e a OLP. Esses acordos estabeleceram a Autoridade Palestina (AP), uma entidade administrativa que ficou responsável pela gestão de partes da Cisjordânia e da Faixa de Gaza, com o objetivo de preparar o caminho para a criação de um Estado palestino independente. Entretanto, Collares argumenta que a OLP, priorizando seus próprios interesses, realizou diversas concessões durante o processo de negociação dos Acordos de Oslo, inclusive permitindo a continuação dos assentamentos judaicos.

Apesar das expectativas de que os acordos promoveriam uma paz duradoura, a realidade foi diferente. A implementação ficou restrita à fase inicial, com Israel se retirando de algumas áreas urbanas da Cisjordânia e de grande parte da Faixa de Gaza, colocando a maioria dos palestinos sob a jurisdição da AP. No entanto, as áreas da Cisjordânia, que deveriam ser autônomas, permanecem isoladas umas das outras, rodeadas por assentamentos israelenses, o que dificulta severamente a mobilidade e a economia palestina. Em momentos de crise, essa divisão territorial facilita a reocupação ou cerco dessas áreas pelo exército israelense, tendo em vista que os israelenses continuam tendo acesso irrestrito, beneficiados por uma infraestrutura rodoviária moderna que conecta eles dentro da Cisjordânia ao território de Israel (Collares, 2012, p.46).

Uma ala palestina da Irmandade Muçulmana, fundou o Hamas (sigla para "Movimento de Resistência Islâmica") na Faixa de Gaza, ainda durante a primeira Intifada (Duas revoltas populares palestinas contra a ocupação israelense nos territórios palestinos), em 1987, pois se opunha aos acordos de feitos realizados entre a OLP e Israel. Esse grupo buscava o estabelecimento de um "Estado Islâmico" na Palestina histórica, com uma postura militar.

Com o tempo, o Hamas se consolidou como uma das principais forças políticas e militares na região, especialmente após vencer as eleições legislativas palestinas em 2006 (que tiveram observadores mundiais, que consideraram as eleições justas e transparentes) e iniciar a governança da Faixa de Gaza em 2007.

A vitória do Hamas gerou tensões com o Fatah, outro grupo político palestino, culminando em uma guerra civil palestina em 2007, na qual o Hamas expulsou o Fatah da Faixa de Gaza e consolidou a administração no território. Esse conflito interno fragmentou a política palestina, com o Fatah governando a Cisjordânia e o Hamas a Faixa de Gaza.

A vitória do Hamas também gerou uma forte rejeição de Israel e de parte da comunidade internacional, que viam o grupo como uma ameaça devido ao seu posicionamento político e militar, e então Israel começou a impor um bloqueio à Faixa de Gaza, restringindo o movimento de pessoas e bens na região.

Desde então, o Hamas e Israel se enfrentaram em vários conflitos, incluindo as guerras em Gaza: a primeira foi de 2008 a 2009, que ficou conhecida como a 'Operação Chumbo Fundido', motivada pelo bloqueio imposto por Israel à Faixa de Gaza e os crescentes lançamentos de foguetes do Hamas contra o sul de Israel. O conflito deixou cerca de 1,4 mil palestinos e 13 israelenses mortos.

A segunda vez que o Hamas entrou em conflito com Israel em Gaza foi em 2012, na chamada 'Operação Pilar de Defesa', que iniciou com o assassinato de Ahmad Jabari, líder militar do Hamas, após uma onda de foguetes disparados de Gaza. O conflito durou oito dias e deixou cerca de 170 palestinos e seis israelenses mortos.

O em 2014, ocorreu terceiro conflito em Gaza, que foi uma disputa de 50 dias que ficou conhecida como 'Operação Margem Protetora', motivada pelo sequestro e assassinato de três adolescentes israelenses e posteriormente por confrontos e bombardeios, deixando aproximadamente 2,1 mil palestinos mortos (muitos civis) e 67 soldados israelenses.

A quarta vez foi a ‘Operação Guardiã das Muralhas’, em 2021, que foi desencadeada pelas tensões em Jerusalém Oriental, especialmente em torno da Mesquita de Al-Aqsa e o despejo de famílias palestinas no bairro de Sheikh Jarrah. Durou 11 dias e deixou cerca de 256 palestinos e 13 israelenses mortos. Todos esses conflitos causaram enormes danos na infraestrutura de Gaza e intensificaram a crise humanitária na região.

2.3 Síntese do acontecimento de 7 de outubro e derivações

Na manhã do dia 7 de outubro de 2023, sábado, centenas de mísseis do comando do Hamas partiram de Gaza em direção a algumas cidades israelenses. Cerca de 1,4 mil pessoas israelenses e estrangeiras morreram em decorrência desse ataque e 240 foram sequestradas. O grupo Hamas justificou o ataque como uma resposta a diversas razões como a ocupação de territórios palestinos, prisões de líderes do Hamas e operações militares em Gaza.

No mesmo dia, o primeiro-ministro de Israel Benjamin Netanyahu declarou guerra contra o Hamas e assim iniciou um bombardeio na Faixa de Gaza. Israel impôs um bloqueio total à Faixa de Gaza, restringindo a entrada de alimentos, medicamentos, combustíveis e outros recursos básicos, agravando uma crise humanitária que era já existente, gerando a destruição da infraestrutura com bombardeios direcionados a áreas urbanas, incluindo residências, escolas, hospitais e abrigos. Além disso, foi imposto um cerco total ao norte de Gaza, com ordens para a evacuação de mais de 1,1 milhão de pessoas em apenas 24 horas, algo praticamente impossível devido à densidade populacional e às restrições de movimento.

Outro ponto crítico foi o corte de comunicações, que isolou a região do restante do mundo, dificultando os esforços de ajuda humanitária. Um dos eventos mais graves desse período foi o ataque a um hospital em Gaza com diversas pessoas hospitalizadas vítimas dos bombardeios e onde centenas de civis, incluindo mulheres e crianças, estavam refugiados devido ao cerco. Esse ataque gerou repercussões internacionais, sendo amplamente denunciado por organizações de direitos humanos como um ato que viola as leis humanitárias internacionais.

Até o dia 6 de novembro, quando o conflito completou um mês, que é o período de análises deste trabalho, mais de 10 mil palestinos morreram em decorrência da guerra.

Vale salientar que, até a finalização desta monografia, quando o conflito completou um ano, a escalada e as consequências só aumentaram, com mais países do Oriente Médio envolvidos, com ataques de Israel ao Líbano e o Irã entrando de forma direta na guerra. De acordo com a rede árabe de comunicação Aljazeera, até o dia 25 de novembro de 2024, data de entrega desta monografia, o número de palestinos mortos chegava a aproximadamente 44,2 mil, enquanto cerca de 104 mil estavam feridos. No Líbano, ao menos 3.768 pessoas perderam a vida e 15.699 ficaram feridas em ataques israelenses desde o início da guerra em Gaza.

3 Representações sociais e coberturas jornalísticas

Este capítulo explora o conceito de representações sociais e como pode influenciar através das narrativas utilizadas por meios de comunicação, especialmente no contexto do Oriente Médio.

3.1 Representação social: conceito e abordagem social

Ao longo das conceitualizações das ciências da psicologia e sociologia, houve autores que tentaram integrar conceitos das duas áreas, tornando um dependente do outro para explicar razões que determinam fenômenos sociais. Ao desenvolver o conceito de representações sociais, Gerard Duveen (2000, p. 8) explica que Serge Moscovici teve como centralidade a psicologia social. Porém, traz a definição de representações coletivas de Durkheim e aponta algumas disparidades para a psicologia social. Gerard Duveen (2000) explica que a teoria das Representações Sociais de Moscovici parte da concepção de Durkheimiana, que a fim de manter a autonomia da sociologia, diz que a representação coletiva faz parte de estudos sociológicos e as representações individuais surgem de uma perspectiva da psicologia.

Gerard Duveen (2000, p. 11) mostra que Moscovici se baseou em Durkheim para concluir que na sociologia há um contraponto para a perspectiva individualista da psicologia social. Segundo Duveen (2000), Moscovici explica que o individualismo é uma representação coletiva na sociedade moderna. As sociedades modernas têm diversidade tem ideias coletivas, o que gera uma falta de homogeneidade e reflete em uma hierarquização, ou seja, uma distribuição desigual de poder.

Por fim, a conclusão que Gerard Duveen traz da conceitualização de Moscovici é que o fenômeno de representações sociais está diretamente associado às diferenças na sociedade, tais representações são formas de criação coletiva, em condições de modernidade, mas variam conforme as formulações da vida social também mudam. Devido a isso, Moscovici optou pelo termo 'social' e não 'coletivo' proposto por Durkheim.

A interação e a comunicação são processos essenciais de influência social, e as representações surgem como produtos desses processos. Gerard Duven (2000,

p. 15) destaca a relação entre representações e influência, o que acaba sendo controverso em relação a psicologia cognitiva que tende a defender uma noção de 'pureza' na mental, sem a influência do social, mas através de Moscovici argumenta que a mente humana age diretamente com influências sociais. Ele afirma que as representações são formadas a partir da comunicação entre indivíduos, mas que a comunicação em si só é possível porque existem representações compartilhadas.

As representações podem ser o produto da comunicação, mas também é verdade que, sem a representação, não haveria comunicação. Precisamente devido a essa interconexão, as representações podem também mudar a estabilidade de sua organização e estrutura depende da consistência e constância de tais padrões de comunicação, que as mantêm. A mudança dos interesses humanos pode gerar novas formas de comunicação, resultando na inovação e na emergência de novas representações. Representações, nesse sentido, são estruturas que conseguiram uma estabilidade, através da transformação de uma estrutura anterior (Duveen, 2000, p 15).

Os padrões de comunicação em uma sociedade, ao influenciar diretamente a organização das representações sociais, também afetam a forma como a mídia constrói e molda essas representações. A mídia, como um dos principais canais de comunicação na sociedade moderna, exerce uma função importante para disseminar informações, valores e normas culturais, participando ativamente da construção dessas representações.

Moscovici descreve a ancoragem e a objetivação como processos das representações sociais, que são fundamentais para entender como essas representações se formam.

A ancoragem (1978, p. 61) é um processo no qual ideias ou conceitos novos, desconhecidos e até 'perturbadores' são inseridos em um sistema familiar de categorias e imagens, ou seja, trata-se de classificar algo novo comparando com algo que já conhecemos para tornar esse algo compreensível. Um exemplo dado por Moscovici é o sobre os aldeões que, ao serem expostos a pessoas com doenças mentais compararam esses indivíduos a figuras que já faziam parte de sua realidade "idiotas, vagabundos, epiléticos, ou aos que, no dialeto local, eram chamados de rogues [maloqueiro]"¹. Dessa forma, o desconhecido é moldado dentro de um contexto que já existe, criando uma ligação entre algo novo e algo familiar.

¹ Nota da autora para atualizar o significado de "rogues", que é "maloqueiro".

Já a objetivação (1978, p. 71), Moscovici explica que é o processo que transforma essas ideias abstratas em algo quase real, fazendo com que algo que estava apenas na mente pareça ter uma existência física. Isso significa que o que antes era uma ideia ou conceito distante acaba se materializando em algo que pode ser percebido no mundo real e assim, ao objetivar uma ideia a mente humana da forma para ela, tornando-a mais palpável e acessível. Esses dois processos permitem que representações sociais sejam criadas e perpetuadas, transformando o que é complexo e desconhecido em algo que podemos lidar e compartilhar no nosso cotidiano.

Em uma representação social, indivíduos são associados a imagens que já estão na mente humana, o que facilita a criação de estereótipos e preconceitos, tendo em vista que, ao reconhecer alguém ou algo como pertencente a uma categoria específica, uma expectativa de comportamento é criada. Moscovici (1978, p. 60) explica que esse processo pode acontecer de duas maneiras, pela generalização, onde se atribui uma característica comum a todos os membros de um grupo ou pela particularização, onde se tenta encontrar algo que diferencie o objeto ou pessoa da norma geral. Essas duas maneiras de classificação são modos de lidar com o desconhecido e de tornar compreensível dentro de nossas concepções.

Moscovici (1978, p. 66) também ressalta a importância do ato de dar nome a algo ou alguém que desempenha um papel importante, pois nomear é uma forma de inserir o objeto em um sistema de representações sociais dando um significado social. Quando algo é nomeado é gerada uma libertação da confusão, inserindo um conjunto de palavras que possuem conotações sociais específicas. Esses processos também podem resultar em estigmatização ou legitimação dependendo do nome ou rótulo que for atribuído. Concluindo, classificar e nomear são mecanismos que ancoram as representações sociais, ajudando na interpretação do mundo. Contudo, esses processos nem sempre são neutros ou objetivos, eles refletem atitudes sociais e podem perpetuar preconceitos e estigmas.

No caso do Oriente Médio, especialmente na questão Palestina, as representações sociais desempenham um papel central na forma como o mundo entende o conflito Israel- Hamas. A mídia, como apontado por Moscovici, tem uma função essencial na disseminação de representações e na construção de narrativas sobre as identidades e os direitos das populações envolvidas.

3.2 Enquadramento jornalístico e fixação de representações sociais

O enquadramento jornalístico, de acordo com Gaye Tuchman (1978), é a maneira pela qual os meios de comunicação estruturam e constroem a narrativa que será transmitida sobre esses acontecimentos, orientando como eles serão compreendidos pela audiência. Sendo assim, o enquadramento atua como uma organização do significado dos acontecimentos jornalísticos. Um acontecimento pode ser notável, como uma declaração de guerra, mas o enquadramento determina quais aspectos serão destacados e como a narrativa será construída.

O enquadramento jornalístico pode ser uma ferramenta na construção das representações sociais através da mídia. Tendo em vista essa perspectiva, as notícias não são uma representação neutra dos eventos, mas sim o resultado de escolhas editoriais que refletem valores e frequentemente, interesses hegemônicos. O enquadramento envolve a maneira como os eventos são selecionados, organizados e apresentados, o que influencia a percepção pública sobre os acontecimentos.

Segundo Murilo Cesar Soares (2006, p. 6), essa construção, no entanto, não é estática. Ele explica que os enquadramentos vão mudando com o tempo, conforme jornalistas e elites ajustam suas visões de acordo com as mudanças políticas e sociais. Soares destaca que, por causa de movimentos sociais e crises entre as elites, certos enquadramentos podem sair de uma posição incontestável e passar a ser questionados pela mídia. Isso significa que a forma de contar certos eventos pode mudar bastante, com novas narrativas desafiando o que já estava estabelecido, o que acaba gerando tensões sociais. A eficácia desses movimentos em influenciar o enquadramento midiático normalmente depende da habilidade de dialogar com esses discursos dominantes da mídia e assim, acaba promovendo uma reconfiguração da narrativa social sobre determinados temas.

Carlos Carvalho (2009, p. 8) também aborda essa flexibilidade do enquadramento argumentando que os enquadramentos jornalísticos podem mudar. Carvalho explica que essa noção é importante para compreender as mudanças nas representações sociais, tendo em vista que a vida social está em constante transformação. Carvalho (2009, p. 8) exemplifica essa flexibilidade observando que até acontecimentos naturais, como furacões e enchentes, agora são interpretados a partir de referências que envolvem atividades humanas. Nesse caso, as mudanças

climáticas geradas por ações humanas moldam a forma como os eventos naturais são enquadrados, sugerindo que as catástrofes não são mais vistas como ocorrências da natureza, mas como parte de um cenário maior de transformações ambientais.

Essa capacidade de o jornalismo adaptar seus enquadramentos de acordo com as mudanças na sociedade e à contestação das narrativas dominantes ressalta que os enquadramentos não são fixos ou imutáveis, eles podem ser transformados para refletir em influências sociais. Sendo assim, o enquadramento jornalístico tem o potencial de moldar as representações sociais, a medida em que a mídia desempenha um papel central na definição das maneiras pelas quais o público compreende e interpreta o mundo ao seu redor.

No entanto, essa flexibilidade dos enquadramentos não quer dizer que existe igualdade de poder entre diferentes grupos. A mídia ocidental tem sido um ator fundamental na disseminação de representações distorcidas do chamado mundo árabe, contribuindo para a criação de uma imagem do Oriente como perigoso e irracional (Christina Ribas, 2022, p. 19). Isso demonstra que, embora a mídia possa ser um espaço de contestação, ela também perpetua estruturas de poder como evidenciado pelo tratamento dado para culturas orientais nos discursos midiáticos, que muitas vezes desumaniza e marginaliza esses grupos (Esther Ribeiro, 2010, p. 24).

Um exemplo de uma representação social duradoura do ocidente para com os povos árabes pode ser discutida dentro do termo 'orientalismo' que foi popularizado pelo palestino Edward W. Said em seu livro *Orientalismo* (1978). Said define o Orientalismo como uma forma de pensamento eurocêntrico e imperialista do Oriente (principalmente como o Oriente Médio, Norte da África e Ásia). Esse termo é o conjunto de uma série de discursos que representaram e construíram o "Oriente" de uma forma estereotipada e que muitas vezes como um "outro" visto como exótico, primitivo, misterioso e inferior em relação ao Ocidente.

A principal crítica do Said ao orientalismo está na forma como ele transforma o Oriente em algo único e parado no tempo, sempre contrastando com o Ocidente, que seria visto como mais avançado. Said explica que o estudo do orientalismo carrega uma grande desigualdade de poder, com o Ocidente em uma posição de "narrador" do Oriente, se dando a responsabilidade de falar sobre essas sociedades (Said, 2007, p. 61). Além disso, Said discute que o próprio fato de existir um campo

de estudo geográfico dedicado ao Oriente mostra essa tentativa imperialista de rotular e controlar várias realidades políticas, sociais e culturais diferentes através de um termo.

Said também aborda que o orientalismo não está apenas no ambiente acadêmico, mas também na literatura, a arte e a política. Ele cita alguns escritores e intelectuais europeus do século XIX, como Victor Hugo e Goethe, que ajudaram a construir essa visão ao retratar o Oriente como um lugar misterioso e exótico. Isso, segundo ele, alimenta uma "mitologia flutuante" que mistura os preconceitos populares com o que seriam supostas verdades acadêmicas (Said, 2007, p. 62).

O orientalismo, abordado por Said, é em resumo uma construção que discute mais sobre o poder e controle do Ocidente sobre o Oriente do que sobre as próprias sociedades orientais (Said, 2007, p. 63). Essa ideia de controle aparece claramente nas representações sociais que a mídia constrói. A teoria do enquadramento jornalístico é importante nesse processo, porque, ao escolher o que vai ser destacado e o que vai ser deixado de lado, acaba auxiliando na criação de discursos e perpetuando estereótipos que reforçam essa dominação cultural.

Como Ribeiro (2010, p. 17) explica, os estereótipos são construções simbólicas que resistem às mudanças sociais e funcionam como formas de controle, delimitando o que é considerado "normal" e "anormal". Isso cria uma divisão entre "nós" e "eles", e no caso dos árabes e muçulmanos, essas representações geralmente são carregadas de significados negativos, reforçando a visão distorcida e simplificada que o orientalismo propaga.

Conforme apontam João Victor Guedes, Luciene Dias e Rômulo Sousa (2011, p. 4) a construção dessas imagens propagadas pela mídia ocidental está enraizada em uma longa história colonial e imperialista. Desde o período das expansões marítimas, o Ocidente tem representado os árabes e islâmicos como o "exótico" e o "misterioso". Essa visão não apenas distorceu a realidade dessas culturas, mas também ajudou a manter o domínio europeu sobre territórios explorados, ao desumanizar e subverter suas tradições. Entretanto, apesar das tentativas de colonização cultural, os povos islâmicos mantiveram seus valores e princípios, resistindo a essa imposição ocidental.

O europeísmo foi imposto nas terras conquistadas e, com o tempo, assimilado como exemplo de civilidade. Talvez os árabes e os islâmicos tenham sido um dos poucos povos que fogem dessa teoria. A Ásia foi

terras exploradas e devastadas por causa das especiarias, sedas, rotas marítimas, pólvora, papel. Contudo, os islâmicos não trocaram Maomé por Jesus Cristo, não trocaram o Alcorão pela Bíblia. Continuaram de acordo com os seus próprios conceitos de civilidade; com os seus próprios conceitos culturais.

Sendo assim, o enquadramento jornalístico se torna uma peça-chave na construção e manutenção de certas representações sociais. Ao dar destaque a determinados aspectos e silenciar outros, a mídia pode modelar a visão que o público forma sobre diferentes grupos e acontecimentos, frequentemente reforçando estereótipos ou apagando vozes que poderiam oferecer novas leituras. No caso do mundo árabe, como discutido, o enquadramento ocidental fortalece uma visão distorcida, que exalta o exótico e desumaniza, criando uma hierarquia cultural.

Nesse sentido, a relação entre enquadramento e representações sociais mostra como o jornalismo influencia o imaginário social, mas também aponta a importância de uma mídia crítica, capaz de romper com estigmas e abrir espaço para interpretações mais diversas e justas dos conflitos e culturas globais.

3.3 As representações sociais na cobertura de acontecimentos sobre a questão Palestina

A mídia contemporânea continua desempenhando um papel importante na reprodução de estereótipos, especialmente no que diz respeito à representação do conflito israelo-palestino. Guedes, Dias e Sousa (2011, p. 7) argumentam que, a mídia ocidental frequentemente marginaliza o lado palestino, retratando-o de forma distorcida e associando os palestinos a termos como "terroristas" ou "homens-bomba". Essa estratégia de enquadramento reforça uma narrativa que legitima a visão de Israel como vítima, enquanto desumaniza os palestinos.

O poder da mídia em moldar percepções e construir as realidades sociais é uma questão que Ribeiro (2010, p. 19) discute, apontando que essa construção funciona de uma forma eficiente porque os temas são apresentados de um jeito familiar para o público. A mídia utiliza elementos históricos e culturais, reafirmando o senso comum, o que acaba dando a ela uma autoridade incontestável. E então, as representações realizadas pela mídia passam a ser vistas como verdades absolutas. Isso fica evidente quando nas coberturas do mundo árabe, onde a

narrativa de hostilidade e rivalidade é o que mais aparece, o que amplia o sensacionalismo nas notícias sobre o Oriente Médio (Ribeiro, 2010, p. 24).

Essas representações fazem parte de uma estratégia maior de criar uma divisão simbólica entre Oriente e Ocidente, como aponta Ribas (2022, p. 14). A mídia ocidental tem reforçado vários estereótipos negativos sobre os muçulmanos e o Islã, mostrando eles como antidemocráticos e violentos. Esse tipo de enquadramento ficou ainda mais forte depois dos ataques de 11 de setembro, quando o Islã passou a ser diretamente associado ao terrorismo e a uma ameaça ao estilo de vida ocidental (Ribas, 2022, p. 19). Com isso, esses estereótipos se consolidaram, fazendo com que os muçulmanos fossem vistos como "o outro" perigoso, sempre prontos para causar instabilidade.

Essa divisão entre Ocidente e Oriente vai além da questão de percepção, é um reflexo de estruturas de dominação social, como aponta Ribeiro (2010, p. 18). Quando a mídia naturaliza e universaliza estereótipos, ela cria um "efeito de verdade" que acaba legitimando práticas de exclusão e desmoralização do que é diferente. No caso dos árabes e muçulmanos, isso leva à perpetuação de uma visão hostil, que marginaliza suas culturas e valores e, ao mesmo tempo, reforça a ideia de superioridade do Ocidente.

Essas questões não só refletem a realidade, mas também participam ativamente da construção dessas representações, funcionando como um mediador poderoso na definição de identidades culturais e sociais. Quando se trata do Oriente Médio, a mídia ocidental costuma enquadrar o conflito de um jeito que reforça a divisão entre civilização (Ocidente) e barbárie (Oriente), algo que lembra bastante as antigas práticas coloniais, como apontam Guedes, Dias e Sousa (2011, p. 7).

Em contrapartida a essa perspectiva dominante do Ocidente nas narrativas sobre a Palestina, Vinicius da Silva (2016) faz uma análise das histórias em quadrinhos de Joe Sacco, que abordam os palestinos refugiados, questionando a qualidade da cobertura da guerra Israel-Palestina pela mídia norte-americana. Silva (2016, p. 88) identifica que Sacco representa a identidade dos palestinos como eles próprios a percebem: mesmo na condição de refugiados, há uma consciência profunda e desde cedo cultivada de pertencimento ao local de origem. Além disso, Silva destaca o papel da educação e da família como pilares fundamentais dessa identidade.

4 Critérios e processo de seleção do objeto de estudo

Este capítulo detalha os critérios e etapas que orientaram a escolha dos meios de comunicação e o recorte para a análise deste trabalho. Também, as histórias e editoriais dos jornais selecionados. Além disso, será explicada a dinâmica entre as publicações no Instagram e nos sites oficiais dentro dos conceitos das fases do jornalismo na web.

4.1 Da seleção do observável e definição de recorte

O objetivo central deste estudo é analisar como diferentes jornais representam o povo palestino em específico: no cenário do conflito declarado por Israel em 7 de outubro de 2023. Este estudo cobre o período de um mês, até 6 de novembro de 2023. O intuito é analisar como diferentes meios de comunicação, com distintas orientações editoriais e políticas, abordaram e narraram o mesmo evento, proporcionando uma visão ampla e crítica das práticas jornalísticas contemporâneas.

O início da análise começou através das redes do Instagram de cada um dos jornais selecionados inicialmente, para que a partir daí, fosse analisado o conteúdo completo no site desses meios.

Inicialmente, a proposta era conduzir uma análise da cobertura do conflito entre dois tipos distintos de veículos de comunicação: um de caráter hegemônico e um independente. Para isso, foi selecionada a Folha de S. Paulo como representante do jornalismo hegemônico e o The Intercept Brasil como jornal independente. A Folha de S. Paulo é um dos maiores e mais tradicionais jornais do Brasil, com uma abordagem jornalística que busca um equilíbrio entre textos informativos e opinião. The Intercept é conhecido por seu jornalismo investigativo e sua postura crítica, frequentemente desafiando as narrativas hegemônicas.

Na primeira parte da análise, foi feita uma análise dos textos, visando observar qual a incidência de gêneros informativos e opinativos nos portais escolhidos.

4.1.1 Primeira fase da coleta de dados da Folha de S. Paulo e The Intercept

Na fase inicial da pesquisa, trabalhamos com a observação controlada dos conteúdos postados pelos perfis da Folha de S. Paulo e do The Intercept no Instagram. O objetivo era gerar uma base para a coleta ampliada de dados, que seriam utilizados na pesquisa detalhada sobre a representação do povo palestino através da cobertura da crise entre Israel e a Palestina após a data de 7 de outubro de 2023.

Foram coletadas todas as postagens no Instagram feitas entre 7 de outubro e 6 de novembro de 2023, porque esse intervalo corresponde ao tempo em que a pauta ocupava maior visibilidade na agenda do noticiário nacional.

Durante esse período, foram publicadas 183 postagens sobre o conflito no Instagram da Folha de S. Paulo, das quais 173 eram informativas e 10 opinativas. A distribuição das publicações foi detalhada da seguinte forma: 124 publicações de textos com fotografias como imagem de apoio; 53 publicações de textos com vídeos como imagem de apoio; três publicações em vídeo de cortes do programa diário "Como é que é?" exibido através de lives; duas charges publicadas; um carrossel de fotos intitulado "Fotografias raras mostram Palestina antes do nascimento de Israel".

Também foi observado que, de 8 a 20 de outubro, o conflito foi a manchete principal da capa do jornal impresso diário em todos os dias, exceto em 11 de outubro. As capas são publicadas diariamente no Instagram, refletindo a importância dada ao conflito pela Folha de S. Paulo. Importante destacar que a Folha de S. Paulo não publica o texto completo no Instagram, disponibiliza apenas o lead e uma mensagem informando que o restante do texto está disponível no site do jornal.

No The Intercept, foram contabilizadas 27 publicações sobre o conflito no mesmo período, sem seguir um padrão de frequência de postagens. Destas, 13 eram opinativas, 7 informativas, 5 divulgavam o abaixo-assinado intitulado "Globo e grande mídia parem de desumanizar civis palestinos", e 2 divulgavam a série "The Lobby", que relata como um repórter da emissora adentrou o lobby israelense nos EUA, descobrindo casos de espionagem, difamação e investidas do Estado israelense contra universitários ativistas. A distribuição das publicações foi a seguinte: 19 publicações de textos com fotos como imagem de apoio e 8 publicações de textos com vídeos como imagem de apoio.

O The Intercept publica um resumo do texto na legenda da publicação no Instagram e indica a leitura completa no site do jornal. O veículo também desenvolveu denúncias pelas narrativas adotadas pelos veículos hegemônicos,

incluindo a própria Folha de S. Paulo, como evidenciado em um artigo intitulado "A Folha de S. Paulo faz as perguntas erradas sobre Israel".

Ao fazer o resgate das publicações no site para a segunda etapa da análise de dados, foi percebido o fato de o portal The Intercept ter menos publicações e também um estilo redacional voltado ao jornalismo opinativo, com presença mais forte de articulismo e colunismo. Exemplos como o texto 'E o PT, hein?': Mídia brasileira consegue atacar Lula até quando fala de Israel', que discute como a mídia polariza o conflito, e 'Jornalistas brasileiros defendem que Israel extermine palestino', que explora a falta de responsabilização de jornais brasileiros ao abordar as mortes de palestinos, evidenciam essa tendência.

Tal tipo de produção de conteúdos colocou a análise diante de uma diferença muito significativa de abordagem, o que traz uma dificuldade para a análise de como aparece a representação do povo palestino através das estratégias de cobertura jornalística, como é o objetivo da pesquisa.

4.1.2 Inclusão do Brasil de Fato

Diante das constatações iniciais e buscando uma perspectiva mais ampla e crítica, foi decidido incluir um terceiro jornal na análise: o Brasil de Fato. Este veículo é conhecido por adotar uma postura alternativa e ideologicamente contra-hegemônica, com foco em movimentos sociais e direitos humanos. A inclusão do Brasil de Fato permitiu contrastar as abordagens de um veículo hegemônico, um independente e um alternativo.

Entre 7 de outubro e 6 de novembro de 2023, foram contabilizadas 79 publicações sobre o conflito no Brasil de Fato, com 71 de viés informativo e 8 com viés opinativo. A distribuição das publicações foi a seguinte: 54 publicações textos com fotos como imagem de apoio; 5 publicações textos com vídeos como imagem de apoio; 13 publicações de vídeos com textos complementares; 5 publicações de carrosséis informativos; 2 publicações de charges.

O Brasil de Fato publica partes do texto na legenda do Instagram e também sinaliza a leitura no site. Notou-se uma abordagem semelhante à da Folha de S. Paulo na cobertura dos eventos, mas com narrativas distintas, refletindo suas diferentes orientações editoriais.

Após a inclusão do Brasil de Fato, foi notado que a análise poderia ser mais rica e detalhada ao focar na cobertura da Folha de S. Paulo e do Brasil de Fato, deixando de lado o The Intercept. Esta decisão foi tomada devido à maior quantidade de publicações, à regularidade na cobertura dos eventos pelos dois veículos e também, à maior quantidade de material informativo. A abordagem similar em termos de formato (publicações no Instagram) permitiu uma análise mais direta e profunda das narrativas.

A presença de mais matérias informativas no Brasil de Fato permite que seja realizada a análise das representações sociais sobre a cobertura jornalística realizada acerca da questão Palestina de maneira mais equitativa quando considerado a segunda mídia jornalística selecionada para a análise.

Somando as publicações da Folha de S. Paulo e do Brasil de Fato, foram totalizadas 262 menções à questão.

4.2 Empresas jornalísticas selecionadas e plataformas digitais

Este capítulo aborda uma breve síntese da história e linhas editoriais da Folha de S. Paulo e do Brasil de Fato. Além disso, para entender como é a dinâmica da transição das redes para o site em jornalismo este capítulo também traz um pequeno desenvolvimento que discute esse processo.

4.2.1 A Folha de S. Paulo

A Folha de S. Paulo, fundada em 1921, é um dos jornais mais influentes e com maior circulação no Brasil. Ao longo dos anos, passou por várias mudanças que ajudaram a moldar sua identidade. No início, o foco era em questões agrícolas, atendendo principalmente os interesses dos fazendeiros paulistas, mas logo se expandiu para abranger temas políticos, econômicos e sociais..

A Folha é organizada em várias editorias que cobrem diferentes assuntos. A editoria de política aborda questões sobre governo e eleições, enquanto a de economia foca em mercado financeiro e tendências globais. No cotidiano, as notícias nacionais e locais, e a editoria mundo cobre eventos internacionais. A seção de esporte aborda sobre competições esportivas, e as editorias Ilustrada e Ilustríssima cuidam da cultura e das artes. Saúde, Ciência e Ambiente discutem

inovações e questões ambientais, enquanto comida, equilíbrio e turismo abordam questões relacionadas à gastronomia e ao bem-estar. A TV Folha traz conteúdo em vídeo, e a editoria de opinião oferece análises de colunistas. Tem também a Folhinha, que é voltada para o público infantil.

Além disso, a Folha tem o podcast Café da Manhã, que analisa as principais notícias do dia de uma forma prática. O jornal também conta com produtos editoriais especiais, como o Datafolha, um instituto de pesquisas, e o Estúdio Folha, que se dedica à criação de conteúdo publicitário.

A Folha de S. Paulo, descrita em seu próprio site oficial, se destaca como um dos maiores e mais influentes jornais diários nacionais de interesse geral, que se sustenta em quatro pilares principais: pluralismo, apartidarismo, jornalismo crítico e independência (Sobre a Folha, 2024).

4.2.2 O Brasil de Fato

O Brasil de Fato, foi fundado em 2003, é um jornal que aborda as questões sociais e políticas do Brasil, especialmente do ponto de vista de movimentos sociais e populares.

O Brasil de Fato tem várias editorias que refletem essa missão de informar sobre a realidade do país de forma crítica e acessível. Entre as principais estão: política, onde se fala sobre eleições e movimentos sociais; economia, que analisa políticas econômicas e como elas impactam a vida; cotidiano, trazendo notícias que afetam o dia a dia das pessoas; e cultura, com coberturas sobre a produção artística e cultural do Brasil.

Além disso, o jornal também cobre saúde, discutindo acesso e direitos; educação, tratando de políticas educacionais; e direitos humanos, focado em igualdade e justiça social. E tem uma editoria de meio ambiente que fala sobre sustentabilidade e as lutas ecológicas no Brasil.

Arthur Almeida, Kyssila Pires e Deborah Santos (2023, p. 5) explicam que o Brasil de Fato busca oferecer uma perspectiva alternativa, diferente das difundidas pelos grandes veículos de comunicação.

3.2.3 Instagram e site das empresas analisadas

A coleta inicial da pesquisa foi realizada nas páginas de Instagram de cada um dos jornais, mas a análise do conteúdo será feita com base no material completo disponível nos sites. Como explicado anteriormente, a Folha de S. Paulo oferece apenas uma síntese no Instagram e direciona para a leitura completa no site, enquanto o Brasil de Fato disponibiliza partes do conteúdo na rede social, e também sinaliza para a leitura completa para o site. Para entender essa dinâmica entre Instagram e sites, é necessário considerar todos os processos de transformação que o jornalismo percorreu até chegar ao formato atual.

O Instagram é uma plataforma de mídia social focada no compartilhamento de imagens e vídeos, lançada em 2010 e adquirida pelo Facebook em 2012. Seu funcionamento baseia-se na criação de perfis onde os usuários podem postar conteúdos visuais, interagir com outras pessoas por meio de curtidas, comentários e mensagens diretas, além de explorar conteúdos de outros usuários por meio de hashtags e algoritmos de recomendação (Silva, 2021).

Entre as affordances desta plataforma estão a possibilidade de editar e aplicar filtros nas imagens, a criação de stories (conteúdos temporários) e a interação direta com influenciadores e marcas, características que contribuem para seu papel significativo no marketing digital e na construção de identidades online (Santos, 2019). Atualmente, o Instagram conta com mais de 2 bilhões de usuários ativos em todo o mundo, sendo que no Brasil a plataforma é uma das mais populares, com cerca de 110 milhões de usuários, o que representa uma alta taxa de adesão e engajamento (IBGE, 2023). Essas características tornam o Instagram uma das principais redes sociais no cenário global, destacando-se como ferramenta de comunicação, entretenimento e negócios.

A cobertura jornalística nos sites e no Instagram acompanha a evolução da web e influencia diretamente a forma como as notícias são produzidas e consumidas. No começo, na web 1.0, os sites eram básicos e os jornais só replicavam o conteúdo impresso no formato online, sem interação com o público (Yago Alves, 2018, p. 42).

Com a chegada da web 2.0, as mudanças começaram a ser mais adaptadas. As redes sociais e plataformas interativas, como blogs e wikis, surgiram e abriram espaço para uma comunicação mais dinâmica, onde o público não só consumia a notícia, mas também interagiu (Yago Alves, 2018, p. 44). Esse ambiente colaborativo fez com que os jornais se adaptassem, criando narrativas pensadas para essas

plataformas. E então, foi assim que redes como Facebook, Twitter e Instagram passaram a ser espaços explorados para se comunicar com o público de forma mais direta.

O Instagram, por exemplo, é uma plataforma que conecta imagens, textos e vídeos em uma interface visual e dinâmica. Isso abriu espaço para novas maneiras de contar histórias, que não eram possíveis durante a web 1.0. Como o Yago Alves (2018, p. 78) aponta, cada rede social tem sua própria linguagem e limitações, então o jornalismo teve que se adaptar para criar conteúdos específicos para esses ambientes. Vídeos curtos, imagens impactantes e a rapidez da informação se tornaram fundamentais. Os jornais não só ajustaram o formato das notícias, mas também usaram estratégias para manter o público engajado.

Na web 3.0, conhecida como "web semântica", a inteligência artificial entrou em cena para ajudar a entender melhor os dados e personalizar a experiência dos usuários (Yago Alves, 2018, p. 46). No jornalismo, isso significou adaptar o que cada pessoa vê nas redes, com algoritmos que ajustam os conteúdos de acordo com as preferências e o comportamento de cada usuário no Instagram e no Facebook.

Os jornais, ao levarem seu conteúdo para o Instagram, precisam entender as particularidades da plataforma. Yago Alves (2018, p. 78) discute essas adaptações, explicando que a popularização de plataformas como Facebook, Twitter e Instagram, que integram imagens, textos e vídeos, permitiu ao jornalismo desenvolver narrativas e conteúdos adaptados especificamente para o consumo nesses ambientes digitais. Ou seja, não basta apenas copiar os textos tradicionais, é preciso adaptar tudo ao estilo e às limitações de cada rede.

No caso do Instagram, por exemplo, os jornais aproveitam os "stories" e os "reels" para passar informações de forma rápida e visualmente atraente. Conteúdos curtos, como vídeos e fotos, acabam ganhando destaque. Além disso, existe um esforço para criar materiais que gerem interação direta com o público, seja por comentários, curtidas ou compartilhamentos. As legendas e hashtags são pensadas de forma estratégica para aumentar o alcance das publicações, sempre levando em consideração os hábitos de quem está usando a rede.

Segundo o estudo Institute Digital News Report 2020 da Reuters, para identificar o consumo de notícias através de mídias sociais em 12 países. No Brasil, 30% dos entrevistados utilizam o Instagram para se informar, o que indica que o

instagram tem se consolidado não apenas como um meio de interação social, mas como um canal de consumo significativo de notícias.

Essa questão explica o grande número de postagens com textos curtos no Instagram dos jornais, que precisam ser adaptadas ao estilo e à dinâmica visual e imediata dessa rede social. As particularidades do Instagram exigem conteúdos pequenos e visuais.

5 Representação social dos palestinos na Folha de S. Paulo e no Brasil de Fato

Este capítulo trata de apresentar o método de análise selecionado para desenvolvimento. Também a apresentação dos resultados sobre representação social construída pelos dois jornais na cobertura.

5.1 Descrição dos procedimentos

A análise desta pesquisa será focada nos textos que noticiaram os mesmos eventos, considerando a cobertura realizada entre o mês de outubro e novembro de 2023. A escolha de usar os mesmos acontecimentos como guia para a seleção das notícias analisadas segue a possibilidade de se pensar o enquadramento proposto por cada uma das empresas jornalísticas, podendo-se identificar padrões, desvios e traços gerais.

Aplicando este critério, foram quatro publicações da Folha de S. Paulo e quatro do Brasil de Fato que cobriram o mesmo acontecimento no conflito entre os dias 7 de outubro e 6 de novembro. Foi identificada uma quinta notícia no Instagram dos dois jornais que noticiava o mesmo evento, entretanto a notícia não foi encontrada no site da Folha de S. Paulo, impossibilitando a análise do conteúdo. Sendo assim, neste capítulo, é apresentada a análise dos textos das oito notícias selecionadas.

Os eventos que serão analisados nas notícias de cada um dos jornais são: A declaração de Guerra de Israel ao Hamas no dia 7 de outubro; Israel dá aviso de invasão, dando 24h para civis evacuarem o norte da Faixa de Gaza no dia 13 de outubro; O ataque a hospital na Faixa de Gaza no dia 17 de outubro; A entrada de caminhões com ajuda humanitária em da Faixa de Gaza no dia 21 de outubro.

Para realizar o estudo destes textos, foram extraídos alguns termos relacionados ao desenvolvimento de representações sociais e de enquadramento discutidos nesta monografia. Esses termos serão utilizados como operadores de análise, que serão aplicados sobre os textos, para evidenciar como cada um está presente neles.

Serão trabalhados seis operadores: ancoragem, objetificação, associação a imagens, o ato de dar nomes, orientalismo e dar destaque a determinados aspectos e silenciar outros. Cada um é operador é definido e operado da seguinte forma:

O primeiro operador é a ancoragem, que segundo Moscovici (1978, p. 61), é o processo de colocar algo novo ou desconhecido dentro de categorias familiares, para que seja entendido. É a inserção do estranho no contexto do já conhecido, permitindo que o novo seja compreendido. Essa classificação geralmente ocorre por meio de comparações com elementos já existentes. Portanto, na análise das notícias a ancoragem será observada na forma como a mídia contextualiza eventos e atores da questão palestina.

O segundo operador é a “objetivação”, que para Moscovici (1978, p. 71) é o processo em que ideias abstratas se tornam concretas. Por meio desse processo, algo que antes era apenas teórico desenvolve forma no imaginário, sendo materializado. Sendo assim, a objetivação será identificada em elementos concretos da narrativa nos textos analisados, como números, imagens ou descrições detalhadas que materializam as diferentes situações nas notícias.

O terceiro operador é a “associação a imagens”, que Moscovici (1978, p. 60) explica que ocorre quando pessoas ou eventos são relacionados a representações visuais ou mentais que já estão estabelecidas. Isso pode levar à criação de estereótipos, generalizações ou distinções específicas, o que facilita o entendimento, mas muitas vezes pode acabar reforçando preconceitos ou expectativas sociais. Sendo assim, na análise das reportagens, a associação a imagens será explorada na forma como elementos visuais e descrições textuais podem indicar sentimentos ou reforçar estereótipos.

O quarto operador é “Dar nomes”, que segundo Moscovici (1978, p. 66) o ato de nomear é um processo essencial para inserir algo em um sistema de representações sociais. Nomear é dar sentido, legitimidade e relevância a um objeto ou pessoa, mas também pode carregar conotações sociais perpetuando estigmas. O ato de dar nomes será analisado em como os atores envolvidos no conflito são rotulados. Neste operador, a presença de termos pejorativos ou a escolha de palavras neutras pode ser entendida como um posicionamento.

O quinto operador cinco é “orientalismo”, definido por Edward Said (2007, p. 63) como uma construção que reflete mais o poder e controle do Ocidente sobre o Oriente do que as realidades das sociedades orientais. É um discurso que

estigmatiza ou inferioriza culturas que não são ocidentais, reforçando hierarquias culturais. Portanto, o orientalismo será observado nas notícias quando identificadas narrativas que reforçam estereótipos, desumanização.

O quinto operador é “dar destaque e silenciamentos”, que com base na teoria do enquadramento de Tuchman (1979), destacar certos aspectos e silenciar outros é uma estratégia que molda a percepção pública. Ao decidir o que enfatizar em uma notícia e o que deixar de lado, a mídia não apenas constrói narrativas, mas também estabelece hierarquias de relevância e visibilidade. Sendo assim, este operador será aplicado ao identificar o que as reportagens escolhem ressaltar e o que é omitido. No conflito Israel-Hamas, esses silenciamentos podem indicar como as narrativas são moldadas para minimizar ou ocultar questões históricas e políticas mais amplas, com uma visão parcial dos acontecimentos.

Nos próximos itens, serão aplicados os operadores de análise para identificar as características de enquadramento e de representações sociais presentes nos dois veículos de comunicação. Todos os textos analisados são reportagens, que são textos jornalísticos mais extensos e aprofundados.

5.2 Análise da Folha de S. Paulo

Tabela 1- Cobertura da Folha de S. Paulo

Título da reportagem	Parágrafos:	Hiperlinks:
Notícia 1: Israel declara guerra após ataque surpresa do Hamas; ao menos 482 morreram	25	14
Notícia 2: Exército de Israel dá 24h para que 1,1 milhão de palestinos deixem norte de Gaza	15	5
Notícia 3: Explosão de hospital em Gaza deixa mortos e feridos; Israel e palestinos trocam acusações	32	12
Notícia 4: Caminhões de ajuda humanitária entram na Faixa de Gaza pela fronteira com Egito	20	9

Fonte: organização de dados pela autora do trabalho.

* Todos os links estão disponibilizados nas referências deste trabalho.

A tabela apresenta títulos, quantidade de parágrafos e quantidade de hiperlinks das reportagens da Folha de S. Paulo que serão analisadas.

5.2.1 Ancoragem

Na primeira notícia, a ancoragem é aplicada de duas formas logo no início. Primeiro, ao mencionar que o Hamas foi criado após a Primeira Intifada, descrita como um “levante palestino contra as forças israelenses”. Em seguida, o texto faz referência à Guerra do Yom Kippur, de 1973, descrita como “uma incursão de tropas do Egito e da Síria que surpreendeu Israel”. O modo de efetuar estas associações históricas cria uma narrativa onde Israel é constantemente ameaçada, reforçando uma visão de vulnerabilidade, já que nestes textos Israel “é surpreendido”, sofre “levante” contra seu território. Essa comparação histórica consolida uma percepção de continuidade no conflito e naturaliza a posição de defesa de Israel.

Na segunda notícia, a Folha de S. Paulo ancora o deslocamento da possível invasão de Gaza no contexto de conflito atual, destacado no seguinte trecho: “Gaza vive sob bloqueio de Israel por terra, ar e mar imposto desde que o Hamas assumiu o controle em 2007, fatores que deterioram as situações socioeconômicas”. Neste trecho, é possível perceber que o texto da empresa ressalta o bloqueio de Israel na Faixa de Gaza como consequência da ação do grupo Hamas, sendo as ações condicionadas ao fato de tal estar no poder desde 2007. O uso da expressão “assumiu o controle” dá a entender que mesmo os bloqueios sendo operados por Israel, estão condicionados ao “controle” do Hamas. Isso sugere uma conexão histórica, colocando o Hamas como responsável pelo bloqueio e pelas condições de vida em Gaza, apesar do cerco ter começado antes do Hamas ter assumido o governo na Faixa de Gaza.

Na terceira notícia, novamente, o texto ancora a crise humanitária no contexto de um bloqueio imposto por Israel, associado à ascensão do Hamas ao controle da Faixa de Gaza e imposição de bloqueios. A referência feita pelo texto trata especificamente de 2007, e também ignora que o bloqueio já existia de outras formas anteriormente.

A quarta notícia ancora o acontecimento em uma narrativa de um sofrimento que é contínuo, ao associar a crise humanitária em Gaza a “décadas de sofrimento” para sua população. Ao mencionar que a quantidade de 20 caminhões de ajuda não é suficiente para suprir as necessidades, a reportagem também ancora essa escassez em um contexto mais amplo, quando explica que “cem caminhões que entravam por dia” antes da guerra. Esse número é colocado em contraste com a quantidade atual de ajuda, sugerindo que as condições de Gaza já eram desesperadoras antes do conflito. Essa ancoragem, ao contextualizar o sofrimento atual com um já existente antes do atual conflito, dá uma compreensão mais ampla da complexidade da situação.

5.2.2 Objetivação

Na primeira notícia, o ataque é apresentado como “surpresa”, o que reforça um sentimento de imprevisibilidade e perigo associado ao Hamas. Esse processo de objetivação contribui para uma visão simplista do conflito, retratando o Hamas como uma ameaça direta e concreta, enquanto desconsidera as motivações políticas e contextos mais amplos.

Na segunda notícia, a objetivação ocorre através da citação de número de ataques realizados por Israel (2.700) e a quantidade de refugiados e deslocados (1,1 milhão). Os dados também trazem um nível de concretude à situação, tornando o impacto do conflito mais visível. Além disso, o processo de objetivação também pode ser observado através do mapa que foi colocado para explicar a localização da Faixa de Gaza, que situa geograficamente a região e também contribui para materializar a narrativa, permitindo a visualização dos territórios afetados e compreender as limitações geográficas que agravam a crise humanitária.

Figura 3- Mapa da Faixa de Gaza

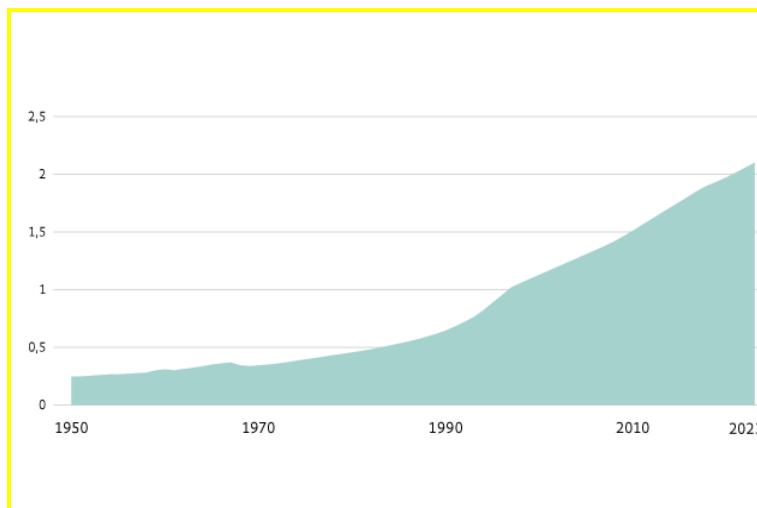


Fonte: Folha de S. Paulo

A figura 3 mostra a Faixa de Gaza, indicando as estradas principais, locais de infraestrutura urbana, pontos estratégicos, como hospitais e escolas, e limites geográficos. As setas indicam possíveis direções de para deslocamentos ou bloqueios. Ele ilustra a dificuldade de saída dos palestinos da região devido à concentração de áreas densamente povoadas e a presença de fronteiras controladas, limitando a evacuação. Também é possível visualizar a localização estratégica de hospitais e infraestruturas importantes, todos esses aspectos objetivam a vulnerabilidade da população e os obstáculos para se deslocar em segurança.

Embora o uso de imagens permita perceber as fronteiras do lugar, estas operações acontecem com falta de contextualização no texto. Por exemplo, o isolamento da faixa de Gaza não é tratado na perspectiva da expansão de Israel sobre os territórios palestinos. Em outra parte do texto, é adicionado um gráfico com dados sobre o aumento populacional em Gaza, mas não há qualquer frase introdutória ou uma explicação depois.

Figura 4- Gráfico do crescimento populacional em Gaza



Fonte: Folha de S. Paulo

O gráfico da figura 4 mostra o crescimento populacional entre 1950 e 2023 medido em milhões. Assim, os elementos visuais que poderiam tornar mais concreto o entendimento do problema, aparecem de forma limitada e sujeita à livre interpretação da audiência.

O operador objetivação aparece novamente na terceira notícia na utilização de números para dimensionar o impacto do fato, como na contagem de vítimas, apresentada como “entre 50 e 500”. Além disso, as descrições gráficas das condições no hospital, como “pacientes operados sem anestesia”, tornam a gravidade da situação mais concreta. O uso de um mapa que indica a localização exata do hospital também contribui para a objetivação, destacando sua importância estratégica na região e reforçando o papel central que ele desempenhava no atendimento às vítimas e deslocados.

A quarta notícia também traz números específicos de caminhões e cidadãos deslocados. Os números de ajuda e deslocamento representam a gravidade da situação de forma palpável.

Também há a citação da quantidade diária de água potável disponível “Nos abrigos há racionamento de água potável, com fornecimento de no máximo um litro diário por pessoa —o padrão internacional mínimo é de 15 litros diários por pessoa”, o que dá uma dimensão da crise humanitária.

5.2.3 Associação a imagens

Na primeira notícia, as duas imagens iniciais são de chamas e fumaça nas áreas dos ataques, também inclui um carrossel de 16 fotos, das quais apenas três mostram Gaza. As demais destacam Israel e os israelenses em situações de vulnerabilidade. Além disso, vídeos reforçam essa narrativa visual, como o de Netanyahu declarando guerra e imagens de ataques aéreos israelenses sobre Gaza. Além disso, há vídeos indisponíveis, mas não há textos que expliquem o que havia no conteúdo desses registros. Essa predominância de imagens relacionadas ao sofrimento israelense, em detrimento da situação em Gaza, direciona a empatia do leitor para Israel. A última foto é uma imagem de um grupo de pessoas palestinas derrubando uma cerca.

Figura 5 – Palestinos removendo cerca que separa a Faixa de Gaza do sul de Israel



Fonte: Folha de S. Paulo/ Reuters

A figura 5 mostra um grupo de pessoas dentro e ao redor de uma escavadeira que derrubou uma cerca metálica. A legenda da imagem no texto da folha é “Palestinos destroem cerca que separa a Faixa de Gaza do sul de Israel”. Ela reforça a associação dos palestinos a atos de violência e destruição, ignorando o contexto sociopolítico. Esse enquadramento visual e textual simplifica a complexidade do conflito e contribui para a construção de estereótipos, vinculando os palestinos a comportamentos destrutivos. Além disso, não é problematizado o fato de que a cerca estava situada como um elemento de imposição de divisão

territorial, em uma zona em que há contínua expansão colonial de Israel sobre a Palestina.

A segunda notícia conta com uma imagem inicial de soldados israelenses em tanques de guerra. Além disso, há dois carrosséis de fotos: o primeiro, com 18 imagens, mostra os mortos e feridos na Faixa de Gaza; o segundo é composto por nove fotos que destacam os armamentos de Israel.

A reportagem também inclui outros elementos visuais, como um mapa que aponta pontos importantes da Faixa de Gaza (já mostrado na objetivação) e um gráfico que ilustra o crescimento populacional na região. Esses elementos visuais reforçam o tom de desequilíbrio do conflito, onde o poder de Israel é destacado, enquanto os palestinos estão em situação de vulnerabilidade.

A associação a imagens está presente na terceira reportagem por meio de uma imagem inicial, que mostra corpos no chão e várias pessoas ao redor, além de quatro carrosséis. O primeiro contém 11 imagens de mortos e feridos; o segundo, com seis fotos, mostra protestos em países árabes; o terceiro, com 11 fotos de pessoas deixando o norte de Gaza; e o último com nove fotos antigas da Nakba, mostrando pessoas forçadas a deixar territórios ocupados por Israel. O uso de imagens de corpos no chão e multidões nos hospitais reforça a narrativa de crise humanitária. Ao mesmo tempo, os protestos em países árabes ajudam a destacar a solidariedade regional, sugerindo uma reação de escala maior contra as ações de Israel.

Figura 6 – Mulheres e crianças deixando o norte da Faixa de Gaza em 2023



Fonte: Folha de S. Paulo/ Agence France-Presse

Figura 7 – Mulheres e crianças árabes deixando a Galileia em 1948



Fonte: Folha de S. Paulo/ Agence France-Presse

A figura 6 retrata mulheres carregando pertences enquanto se deslocam a pé com crianças durante o conflito atual no norte de Gaza. A figura 7 também mostra uma cena semelhante: mulheres também carregando pertences e acompanhadas por crianças, se deslocando da Galileia, região que hoje pertence a Israel, que segundo legenda da foto foi durante o período da Nakba. Essas duas imagens estabelecem uma conexão visual e simbólica entre a situação atual e acontecimentos do passado, sugerindo uma repetição das condições de deslocamento. Mas, as fotografias relacionadas a Nakba são inseridas fora de contexto, sem explicações adicionais que detalham o que foi a Nakba ou a origem das imagens. Apesar disso, as imagens reforçam a ideia de continuidade histórica do sofrimento palestino, mostrando como o presente ecoa o passado.

A terceira reportagem também inclui um vídeo que mostra ambulâncias chegando a outro hospital, reforçando a gravidade da situação. Também há o mapa que mostra onde se localizava o hospital atingido, o que indica como ele era estratégico para a região.

Na quarta notícia, assim como nas outras, o texto utiliza vários recursos visuais, com uma foto de caminhões entrando, três carros, sendo um com 10 fotos também dos caminhões entrando pela fronteira, o segundo com oito fotos mostrando pessoas também na fronteira com o Egito tentando deixar a região, e o terceiro com 18 fotos contendo símbolos e mensagens sobre a guerra Israel-Hamas pelo mundo. Além disso, há um vídeo que mostra os caminhões entrando em Gaza e um mapa

que mostra a fronteira com Israel. As fotos dos caminhões ilustram a dificuldade de acesso a suprimentos e ajuda humanitária, enquanto as fotos de pessoas tentando sair pelo Egito destacam o esforço para escapar da violência. Por outro lado, a galeria com mensagens e símbolos sobre o conflito ao redor do mundo reflete a dimensão global da guerra.

5.2.4 Operação de dar nomes

Na primeira notícia, a Folha se refere ao Hamas como “fação” e “grupo extremista palestino”. Essa escolha de palavras conota uma imagem de violência e ameaça, reduzindo o Hamas a uma entidade negativa e sem legitimidade política.

Além disso, os palestinos e os territórios palestinos são referidos de forma que os deslegitimam, como no trecho: “A imprensa israelense relatou mais de 20 tiroteios entre militantes palestinos e forças de segurança de Israel”. A expressão “militantes palestinos” reforça uma visão de ameaça, em vez de reconhecer esses indivíduos como parte de um contexto político mais amplo. Em contrapartida, Israel é apresentado com terminologias que reforçam a legitimidade, como “Estado de Israel” e “primeiro-ministro Netanyahu”. Esses nomes destacam uma visão única do conflito, onde o Hamas é o inimigo perigoso, enquanto Israel é retratado com uma terminologia institucional e formal.

O operador presente na primeira notícia continua sendo aplicado de forma similar na segunda notícia, com os seguintes termos utilizados para designar o Hamas: “grupo terrorista”, “facção terrorista”, “terroristas” e “grupo terrorista que controla a Faixa de Gaza”. Nesse último, chama a atenção o uso do termo “controla”, apesar de o Hamas governar a Faixa de Gaza.

Além disso, os palestinos e os territórios palestinos são referenciados por termos como “palestinos”, “residentes de Gaza”, “habitantes da região”, “Gaza” e “Faixa de Gaza”, o que deixa a identidade palestina fragmentada e contribui para deslegitimar sua unidade e soberania. Essa escolha reduz a legitimidade política do grupo. Além disso, a associação de Israel a termos institucionalizados também permanece, com expressões como “Exército de Israel”, “Forças de Defesa de Israel”, “Tel Aviv” (utilizado como sinônimo do governo israelense) e “Governo democrático de Israel”. Este último, especialmente ao incluir o adjetivo “democrático”, apesar de ser uma citação direta de uma fonte, contribui para moldar uma imagem institucional

e legítima do Estado de Israel. Esses termos reforçam uma imagem de legitimidade e organização, contrastando com os termos utilizados para o Hamas, que são marcados por conotações negativas.

A escolha de termos para se referir ao Hamas e a Israel continua segue o padrão na terceira notícia, com a diferenciação de linguagem, o Hamas é mencionado apenas uma vez como "facção terrorista Hamas". Por outro lado, Israel é referido como "Exército de Israel" e "Forças de Defesa de Israel". Também, os palestinos e os territórios palestinos são mencionados como "líder palestino", "povo palestino", "territórios palestinos", "Gaza", "Faixa de Gaza" e "Cisjordânia". Esses termos, embora pareçam neutros, ao serem utilizados sem contextualização histórica ou política, deslegitimam o reconhecimento da Palestina como um Estado soberano, mesmo que utilizem o termo "palestino" para se referir, quando eles não utilizam "Palestina", também fragmentam a identidade.

Além disso, o operador o foi identificado neste trecho "o ataque a um hospital na Cidade de Gaza, a mais populosa da Faixa homônima, deixou ao menos 500 pessoas mortas nesta terça-feira(17), segundo o Ministério da Saúde local- não foi possível confirmar de forma independente, mas estimativas apontam de 50 a 500 vítimas". Neste trecho, quando se refere ao Ministério da Saúde local como fonte de informações, mas aponta que não foi confirmada de forma independente, essa linguagem descredibiliza as declarações do governo da região de Gaza, na Palestina.

A questão relacionada à como se referenciar ao Hamas, também segue na quarta notícia, como os seguintes termos: "grupo terrorista Hamas", "facção" e "grupo terrorista" e para os palestinos e os territórios palestinos, são utilizados termos como "território palestino", "Gaza", "Faixa de Gaza", "moradores de Gaza" e "palestinos" e em contrapartida, os termos que legitimam Israel "Forças de Defesa de Israel (IDF)", "Tel Aviv" e "Governo de Israel".

5.2.5 Orientalismo

A primeira notícia, destaca a brutalidade do ataque do Hamas, reforçando uma imagem de ameaça. Essa narrativa orientalista, que minimiza a complexidade palestina e foca em uma visão agressiva, que reforça estereótipos de violência e irracionalidade sobre o Oriente. Além disso, a Folha de S. Paulo não legitima a

Palestina, nesse trecho é possível identificar. “A escalada de violência surge num contexto de hostilidade crescente entre Israel e militares palestinos na Cisjordânia que, juntamente com a Faixa de Gaza, faz parte dos territórios onde os palestinos procuram estabelecer um território”.

Essa abordagem também reflete um distanciamento do ponto de vista palestino e uma possível adoção de narrativas predominantes em países que questionam a soberania palestina. O Brasil reconhece oficialmente a Palestina como um Estado soberano desde 2010, o que inclui territórios como a Cisjordânia, Gaza e Jerusalém Oriental. Ao utilizar uma linguagem que desconsidera esse reconhecimento, a Folha adota uma abordagem mais próxima da perspectiva de Israel e de países que não reconhecem a Palestina como Estado.

O orientalismo aparece na segunda notícia, com a Folha de S. Paulo colocando a narrativa sobre os palestinos através de uma mediação, realizada principalmente pela ONU e por porta-vozes de Israel, e não por fontes palestinas diretas. Isso cria uma interpretação onde as questões palestinas parecem ser vistas sob o olhar de observadores externos. A dependência da ONU como porta-voz para os palestinos reforça a ideia de que o lado palestino necessita de validação externa para ser legitimado.

Assim como nas outras há uma predominância de fontes Israelenses e de organizações mundiais para representar os palestinos na terceira notícia. A Folha cita o Ministério da Saúde de Gaza no seguinte trecho: "Em relatos nas redes sociais, a pasta da saúde afirma que a maioria dos mortos é formada por mulheres e crianças, mas não detalha os números do ataque, que também descreve como 'massacre'". Ao mencionar a narrativa do "Ministério da Saúde local" com ressalvas e sem independência na confirmação, o texto reforça uma visão onde as vozes palestinas são vistas com ceticismo, enquanto fontes ocidentais e israelenses são tratadas com maior confiança.

Também é possível perceber uma tomada de posição nos seguintes trechos: “Autoridades ligadas aos territórios palestinos ocupados já têm acusado Tel Aviv de crimes de guerra. Segundo as Convenções de Genebra, que balizam esse assunto, atos que são proibidos em conflitos armados —portanto, crimes de guerra— incluem ataques intencionais contra civis e hospitais.”. A própria Folha então apresenta um contraponto no parágrafo seguinte: “Neste sentido, também é crime manter civis reféns – o que o grupo terrorista Hamas tem feito desde o último dia 7, quando

sequestrou ao menos 200 pessoas em território israelense e os levou para Gaza.” O orientalismo se manifesta nas acusações de crimes de guerra contra Israel, que são rapidamente contrapostas com uma acusação equivalente contra o Hamas, como o sequestro de civis.

Essa abordagem orientalista reforça a ideia de que a narrativa palestina precisa ser validada por alguma entidade ocidental, enquanto as ações de Israel não são tratadas como crimes, mas como ações justificáveis.

Na quarta notícia, novamente, a cobertura se baseia em fontes como a ONU e autoridades dos EUA, mas nessa notícia não há nenhuma menção a fontes árabes e palestinas diretas, inclusive até o jornal Israelense, *The Times Of Israel*, é utilizado para explicar a situação humanitária em Gaza, “Não há registros, porém, de pessoas que tenham conseguido sair do território, segundo o *The Times of Israel*.” A reportagem aborda a situação humanitária em Gaza, mas sempre sob o olhar de agentes externos e organizações internacionais.

5.2.6 Destaque e silenciamento

Na primeira notícia, o texto se concentra em Israel e nos israelenses, mas sem um aprofundamento que explique a situação de maneira equilibrada. Um exemplo disso está na frase que aborda sobre as vítimas do Hamas: “Em ação sem paralelo na história do conflito Israel-Palestino, mataram a tiros dezenas de civis e fizeram cerca de 50 reféns perto da fronteira”. A afirmação de que não há paralelo na história do conflito ignora que, em diversos outros momentos, civis também foram vítimas de ataques.

A justificativa do Hamas para os ataques é mencionada rapidamente e colocada entre aspas, como “ataques crescentes”, sem qualquer aprofundamento ou contexto. Essa abordagem tende a apresentar a ação do Hamas como algo desconectado e sem historicidade, reforçando a visão de Israel como vítima. Além disso, a cronologia apresentada pela Folha para contextualizar a questão começa em 1948, desconsiderando eventos anteriores igualmente importantes para entender o problema. Esse enquadramento dá destaque desproporcional ao lado israelense, colocando as motivações do Hamas em um papel secundário. Essa escolha de enquadramento minimiza toda a complexidade existente.

O segundo texto menciona o impacto dos ataques em Gaza, como o grande número de refugiados e a crise humanitária crescente, mas minimiza o contexto histórico do bloqueio e dos fatores que levaram ao deslocamento em massa desses refugiados. O cerco é citado como tendo começado em 2007, mesmo que o bloqueio tenha sido feito de diferentes formas antes de 2007.

Além disso, esse trecho “Em ação sem paralelo na história do conflito Irano-palestino, os terroristas mataram ao menos 1.300 pessoas e sequestraram civis”, a afirmação de que a ação foi “sem paralelo” reaparece nesta notícia, assim como na primeira. Considerando o histórico da questão Israel-Palestina, que já resultou em inúmeras mortes de civis em eventos anteriores.

Ao omitir detalhes sobre as raízes do bloqueio e do histórico de ocupação israelense, a cobertura privilegia uma narrativa onde o conflito parece ter começado recentemente, quase que exclusivamente pela ascensão do Hamas. Esse enquadramento diminui a compreensão das condições complexas e contínuas que geraram a crise humanitária.

Na terceira notícia, a Folha destaca a gravidade do ataque ao hospital com descrições detalhadas e imagens, mas ao mesmo tempo como nas outras silencia detalhes importantes sobre as causas e consequências da ocupação de Gaza. Embora mencione as condições do hospital e o número de vítimas, a cobertura não aprofunda a análise do cerco a Gaza e suas implicações para os civis.

Além disso, a galeria de imagens sobre a Nakba é apresentada de forma isolada, sem nenhum texto explicativo sobre o que foi esse evento. Esse enfoque cria uma narrativa onde a tragédia é visível, mas desconectada do contexto político mais amplo que perpetuou essa crise humanitária.

Na quarta notícia, a Folha de S. Paulo considera todos os aspectos da situação humanitária e indica que além da questão atual, a situação humanitária já era existente na região. Mas, sem a presença de um contexto das restrições impostas por Israel, o que limita a compreensão do leitor sobre as razões mais profundas para a situação que já era crítica em Gaza.

5.3 Análise do Brasil de Fato

Título da reportagem:	Parágrafos:	Hiperlinks:
Notícia 1: Israel declara guerra ao Hamas e ataques já mataram quase 200 palestinos	11	0
Notícia 2: Israel indica invasão ao norte de Gaza e dá 24h para que civis evacuem; ONU fala em 'consequências devastadoras'	11	3
Notícia 3: Israel bombardeia hospital em Gaza, e número de mortes ultrapassa 500, dizem autoridades palestinas	10	2
Notícia 4: Apenas 20 caminhões chegam em Gaza na primeira abertura da fronteira com Egito para ajuda humanitária	7	4

Fonte: Autora

*Todos os links das notícias estão disponibilizados nas referências deste trabalho

A tabela apresenta títulos, quantidade de parágrafos e quantidade de hiperlinks das reportagens do Brasil de Fato que serão analisadas. Em comparação com a cobertura da Folha de S. Paulo, os textos do Brasil de Fato são relativamente menores. O que pode ser observado tanto na extensão quanto na quantidade de informações complementares.

5.3.1 Ancoragem

Na primeira notícia do Brasil de Fato, a ancoragem é aplicada ao afirmar que a ofensiva do Hamas contra Israel “vem sendo considerada a maior ofensiva do grupo contra Israel em décadas”. Esse trecho serve para conectar o evento atual com um histórico de confrontos, estabelecendo que o ataque não é um acontecimento isolado, mas sim parte de algo que já acontece com frequência, a palavra “maior” também contribui para amplificar a gravidade do evento, sugerindo um conflito em maior escala.

É possível identificar a ancoragem na segunda notícia no seguinte trecho: “O governo da extrema direita de Benjamin Netanyahu em Israel alega que os alvos são os membros do Hamas, que já mataram cerca de mil israelenses. Organizações de direitos humanos, entretanto, afirmam que Israel vem atacando sistematicamente escolas, hospitais e abrigos para refugiados.” Esse trecho reflete a ancoragem ao posicionar o conflito como algo que se desvia do objetivo inicial declarado, ancorando a narrativa em uma crítica à amplitude das ações israelenses e às consequências humanitárias que ultrapassam o combate ao Hamas.

A ancoragem aparece na terceira quando o texto afirma: “A Defesa Civil Palestina chegou a declarar que o ataque israelense ao hospital em Gaza foi o mais mortífero em cinco guerras travadas desde 2008.” Essa declaração conecta o ataque atual a acontecimentos anteriores, sugerindo que a gravidade deste ataque está em linha com uma continuidade histórica de violência. Além disso, também há a menção de que alguns palestinos estavam refugiados no hospital sob a ordem de evacuação do governo israelense também serve para ancorar o contexto do ataque ao conflito atual.

Na reportagem sobre a abertura da fronteira entre o Egito e Gaza, a ancoragem ocorre logo no início do texto, com a frase: “A fronteira entre Egito e a Faixa de Gaza foi aberta na manhã deste sábado para o envio de caminhões de ajuda humanitária pela primeira vez desde o início do conflito entre Israel e Hamas, em 7 de outubro.” Aqui, o evento da abertura da fronteira é vinculado diretamente ao início do conflito, criando um marco temporal.

5.3.2 Objetivação

A objetivação na primeira notícia do Brasil de Fato é evidente no uso de dados quantitativos, como “5 mil foguetes foram lançados contra Israel”, que transformam a ação do Hamas em algo mensurável e concreto, criando uma visualização clara do tamanho da agressão. O número exato de mortos, como “pelo menos 198 pessoas mortas” e a precisão em quantificar os danos aos hospitais e vítimas, fornecem uma sensação de objetividade e precisão. Ao incluir esses números, a notícia concretiza a violência, permitindo que o leitor compreenda o impacto dos ataques, tanto de um lado quanto do outro.

A objetivação na segunda notícia, também ocorre quando são apresentados números, como “1,1 milhão de palestinos”, “300 mil soldados”, “2.700 ataques” e “18 escolas destruídas”. Esses números ajudam a concretizar o tamanho dos impactos, tornando a situação mais concreta. Além disso, ao mencionar o bloqueio de recursos vitais como água, eletricidade e alimentos, e a quantidade de vítimas civis, a reportagem objetiva as consequências humanitárias da ofensiva, traduzindo o caos em números.

A objetivação também foi identificada na terceira notícia através da utilização de números para dar uma dimensão da tragédia. Por exemplo, ao relatar que “o número de vítimas fatais é superior a 500” e detalhar que “centenas de pessoas permanecem presas sob os escombros”, o texto torna a magnitude do ataque concreta para o leitor.

Também na quarta notícia, o uso de números concretos contribui para a objetivação da situação na Faixa de Gaza. O trecho “Somente 20 dos cerca de 100 caminhões com mantimentos conseguiram passar pela fronteira, quantidade considerada insuficiente para atender à crise humanitária vivida pela população em Gaza” traz dados específicos sobre a quantidade de ajuda enviada, o que concretiza a ideia de que, apesar da abertura da fronteira, a resposta humanitária é limitada e não atende à magnitude real da crise.

5.3.3 Associação a imagens

A associação a imagens é aplicada na primeira notícia do Brasil de Fato que, embora o texto traga apenas uma imagem de fumaça na Faixa de Gaza, há a descrição de outras representações, como “imagens que circulam na internet mostram edifícios destruídos na Palestina após ataque de Israel”, cria uma conexão visual entre os fatos e o sofrimento humano, reforçando a ideia de crise. Além disso, a citação de que “tanque israelense destruído”, divulgada pelo Hamas, ajuda a ilustrar a narrativa de um confronto ativo de ambos os lados.

O segundo texto conta com apenas uma imagem de soldados israelenses armados. Mas, a reportagem assim como a primeira, evoca uma série de cenários de destruição através de texto, como por exemplo, a frase “300 mil soldados prontos para invadir”, que cria no imaginário uma mobilização militar massiva. Da mesma forma, a menção a “escolas, hospitais e abrigos destruídos” concretiza imagens da

infraestrutura devastada. A orientação para os civis evacuarem, com a ameaça das “consequências devastadoras”, associa a situação a uma imagem de pânico e caos humanitário.

A terceira notícia conta com duas imagens, ambas com um impacto visual que reforça a gravidade da situação. A primeira imagem mostra pessoas lamentando sobre corpos no chão.

Figura 8 – Pessoas lamentando mortes em hospital atingido na Faixa de Gaza



Fonte: Brasil de Fato/ AFP

A figura 8 sugere morte e perda em larga escala, refletindo o impacto da tragédia em um ambiente improvisado, com plásticos e lençóis cobrindo os corpos, o que reforça a ideia de uma situação emergencial e precária.

A segunda imagem, de um médico carregando uma criança ferida, evoca cenas de desespero e sofrimento humano.

Figura 9 – Profissional segurando uma criança ferida



Fonte: Brasil de Fato/ AFP

A figura 9 exibe um socorrista segurando uma criança ferida, associando o momento à urgência e vulnerabilidade. Essas imagens reforçam a ideia de um massacre e o sofrimento de civis.

Além disso, também há na terceira notícia um vídeo de ambulâncias, reforçando a visão do caos e da emergência humanitária.

A quarta notícia inclui imagens que associam a situação a representações visuais impactantes. A imagem de “caminhões cruzando a fronteira” serve para ilustrar o fluxo da ajuda. E o trecho “pelo menos um dos caminhões que atravessou a fronteira estaria carregando caixões”, intensifica a percepção de perda e sofrimento humano, algo que se reflete no cenário descrito. A menção de “Palestinos estariam sendo enterrados em valas coletivas em Gaza” também cria uma imagem de vulnerabilidade.

5.3.4 Operador “dar nomes”

Na primeira notícia, o operador “dar nomes” aparece legitimando o território palestino, através do uso de termos como “Palestina” e a citação do “presidente palestino, Mahmoud Abbas” são exemplos claros de como a reportagem da legitimidade tanto ao território quanto à autoridade política palestina. A expressão “Um bombardeio israelense realizado neste sábado (7) contra a Palestina” reconhece o território como soberano, ao invés de se referir apenas a uma área geograficamente limitada. Essas referências não só dão nomes às figuras e territórios envolvidos, mas também estruturam as relações de poder e identidade no conflito.

Na segunda notícia, o uso de “grupo palestino radical Hamas” e “governo da extrema direita de Benjamin Netanyahu” são exemplos de como a reportagem nomeia as partes envolvidas com um viés ideológico. Ao qualificar o Hamas como “radical”, a reportagem posiciona esse grupo como extremista e violento, enquanto, ao caracterizar o governo israelense como “extrema direita”, ela faz uma associação à rigidez ideológica, talvez sugerindo uma postura autoritária, também criando uma narrativa de polarização no conflito.

O terceiro texto também legitima as instituições palestinas, a notícia faz uso de fontes oficiais como a “Defesa Civil Palestina” e do “Ministério da Saúde de

Gaza". Ao utilizar essas fontes, a notícia legitima os números e as declarações sobre as vítimas, dando uma autoridade institucional à informação. Isso também ajuda a construir uma narrativa em que a situação é apresentada com base em dados oficiais de entidades locais.

A quarta notícia também utiliza fontes que dão autoridade e legitimidade às informações apresentadas. Termos como “autoridades palestinas” e as estatísticas fornecidas sobre as mortes na Faixa de Gaza dão credibilidade à fonte e à narrativa, mostrando que a informação vem de um órgão oficial e confiável.

5.3.5 Orientalismo

No segundo texto do Brasil de Fato, a escolha de usar a palavra “democrático” ao se referir a Israel como na notícia da Folha de S. Paulo, mesmo que dito pelo porta-voz das forças de defesa de Israel, reflete uma prática de orientalismo. Embora a palavra "democrático" seja atribuída por fonte, no caso, o próprio porta-voz israelense, a decisão editorial de incluir no texto sem uma problematização e contextualização mais crítica é relevante. Em contraste, no mesmo o Hamas é apenas rotulado como "radical". Essa noemação coloca o grupo palestino, como uma força extremista.

Nos textos das notícias 1, 3 e 4 não foram identificadas nenhuma forma de orientalismo, ou seja, na cobertura do Brasil de Fato esse operador aparece de uma forma pontual e não sistemática.

5.3.6 Dar destaque e silenciamento

O primeiro texto do Brasil de Fato aborda uma narrativa que parte da perspectiva palestina. No entanto, a contextualização histórica sobre a escalada do conflito é superficial. A referência à ofensiva sendo a “maior do Hamas contra Israel em décadas” é um ponto de destaque, mas falta um aprofundamento sobre os acontecimentos que precederam esse evento.

Embora a segunda notícia também aborda os impactos humanitários da guerra, mencionando o cerco na Faixa de Gaza e a escassez de recursos essenciais como água e eletricidade, ela não contextualiza que esse cerco não é um fenômeno novo. Na realidade, ele existe desde que Israel começou a impor bloqueios na Faixa

de Gaza, e foi intensificado ao longo dos anos. A ausência dessa informação histórica dá a impressão de que a atual crise é um evento isolado.

A terceira notícia foca principalmente nas vítimas e no sofrimento causado pelo ataque ao hospital, destacando a gravidade da perda de vidas e os danos à infraestrutura médica. No entanto, a cobertura também não se aprofunda nas causas mais amplas do conflito.

A quarta notícia coloca o foco na ajuda humanitária limitada e no número crescente de vítimas na Faixa de Gaza. O texto não aborda com profundidade o bloqueio contínuo imposto por Israel, que tem sido uma das causas estruturais da crise humanitária. Ao silenciar sobre essas questões, o quarto texto também induz a percepção de que a situação na Faixa de Gaza é um problema recente.

5.4 Perspectiva geral sobre a representação do povo palestino nos dois jornais

A análise geral dos padrões identificados nas notícias da Folha de S. Paulo revela uma representação social do povo palestino focada em narrativas fragmentadas e estigmatizantes. Há um foco nas condições de sofrimento contínuo dos palestinos, frequentemente desconectadas de uma análise mais profunda das causas históricas e estruturais que causaram essa crise. Embora recursos como números, mapas e imagens sejam utilizados para objetivar a situação, a falta de contextualização crítica limita a compreensão completa da questão.

Como Moscovici (1978, p. 66) explica, nomear é um ato de que organiza ideias dentro de um sistema de representações, mas o uso de termos como “terrorista” ou “facção” para o Hamas, enquanto Israel é associado a expressões como “Estado democrático”, cria uma polarização que reforça estereótipos e deslegitima a luta palestina. Mesmo que a folha se refira aos palestinos como “palestinos”, mas não reconheça a Palestina como território ou Estado, reflete uma contradição no reconhecimento de sua identidade e soberania. Essa construção não é neutra, mas reflete e perpetua relações de poder que favorecem a visão israelense do conflito.

Além disso, como aponta Duveen (2000, p. 15), as representações sociais são moldadas pelos padrões de comunicação e podem ser influenciadas pelos interesses sociais e políticos dominantes. No caso das notícias analisadas, a ausência de uma contextualização mais ampla sobre as raízes históricas do

bloqueio e da ocupação palestina silencia aspectos fundamentais da luta por autodeterminação.

Quanto à análise dos operadores nas notícias do Brasil de Fato, é notório que a representação social do povo palestino é mais centrada em uma perspectiva crítica e humanizadora em relação a questão Israel-Palestina. Segundo Gerard Duveen (2000, p. 15), as representações sociais dependem de processos de comunicação para ganhar estabilidade e significado, sendo influenciadas por interesses humanos e pela mudança de contextos sociais. Nesse caso, o Brasil de Fato utiliza elementos como a legitimidade das instituições palestinas e a inserção de dados concretos para criar representações mais humanizadas.

Embora isso, permanecem silenciamentos históricos, como a ausência de mais detalhamentos sobre o cerco prolongado à Faixa de Gaza, também deixando a representação fragmentada. Mas, ainda assim, a narrativa do Brasil de Fato busca evidenciar a continuidade da crise humanitária, mesmo que sem contextualizações históricas. Esse enfoque contribui para uma representação social mais equilibrada, onde os palestinos são vistos como agentes políticos em busca de direitos, ao invés de apenas vítimas ou responsáveis pelo conflito.

Dessa forma, é notório que a representação social do povo palestino tanto no meio hegemônico, quanto no meio alternativo, é mostrada através de narrativas fragmentadas, pois desconsidera ou omite sistematicamente todo um histórico de opressões, demonstrando o quanto que essa representação é estrutural dentro do jornalismo brasileiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As representações sociais do povo palestino analisadas nesta monografia a partir das coberturas da Folha de S. Paulo e do Brasil de Fato mostraram como os meios de comunicação podem moldar percepções e narrativas que influenciam o imaginário social de representações sociais sobre a questão Israel-Palestina. Por meio da aplicação de operadores analíticos retirados do referencial, foi possível identificar padrões de enquadramento. E foi possível identificar que esses padrões não são neutros, pois carregam implicações que contribuem para reforçar, consolidar ou questionar estereótipos existentes.

De forma geral, foi identificado que a Folha de S. Paulo tem uma perspectiva mais alinhada com as narrativas ocidentais e israelenses, tende a legitimar o Estado de Israel ao mesmo tempo que deslegitima a Palestina, frequentemente colocando a segunda sob um olhar de violência e descredibilidade. Por outro lado, o Brasil de Fato, embora traga uma narrativa que legitima o Estado Palestino, com uma visão mais crítica para destacar as consequências humanitárias ao povo palestino, nem sempre contextualiza as complexidades da questão, especialmente em relação às raízes históricas do bloqueio e à resistência palestina.

A análise reafirma a importância de considerar o contexto histórico e social ao narrar um conflito com implicações tão profundas. A ausência de contextualização crítica contribui para consolidar uma visão muito limitada e parcial do povo palestino, que muitas vezes pode ser considerada vitimização e outras desumanização. Como apontado por Moscovici, as representações sociais estão diretamente ligadas às dinâmicas de poder e às diferenças sociais. Assim, os meios de comunicação, ao construir narrativas sobre os palestinos, desempenham um papel central na manutenção de uma hierarquização que pode reforçar o protagonismo de Israel, ao mesmo tempo que marginaliza as lutas do povo palestino.

Esse estudo alcançou seu objetivo ao evidenciar como as escolhas editoriais e os processos de enquadramento jornalístico moldam as representações sociais, influenciando o modo como o público compreende todas as questões que envolvem a luta palestina.

Academicamente e profissionalmente, é reforçada a necessidade de uma cobertura jornalística que priorize a pluralidade, o equilíbrio e a contextualização

histórica, possibilitando que a resistência palestina seja compreendida para além de um espaço de antagonismo.

Pessoalmente, essa pesquisa reafirma o direito à dignidade e à identidade de todos os povos. Especificamente, o povo palestino, que foi historicamente, como identificado nesta monografia, relegado a condições de vulnerabilidade. Sendo assim, deve ser representado de uma forma que a sua luta por soberania e direitos seja valorizada, evitando narrativas simplistas que perpetuam silenciamentos e estereótipos, tendo em vista que, jornalistas como mediadores da realidade tem o poder de transformar representações sociais.

REFERÊNCIAS

ALVES, Yago Modesto. **Jornalismo em mídias sociais de imagens instantâneas: as narrativas jornalísticas em formato de Stories no Snapchat e Instagram.** 2018. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11612/986>>. Acesso em: 23 nov. 2024.

ABU-BAKER, Aseil. **Privados de água.** In: **Dossiê Sur sobre Recursos Naturais e Direitos Humanos.** *Revista Internacional de Direitos Humanos*, v. 14, n. 25, p. 37-55. Traduzido por Pedro Maia Soares. Original em inglês, 2017. Disponível em: <[sur-25-portugues-aseil-abu-baker.pdf](#)>. Acesso em: 23 nov. 2024.

ALMEIDA, Arthur, PIRES, Kissyla, SANTOS, Deborah. **Orientalismo na Imprensa Brasileira: O Brasil de Fato e suas influências na construção de novas narrativas acerca do conflito Israel e Palestina.** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Minas Gerais, 2023. Disponível em: <[IntercomArthurH](#)>. Acesso em: 25 nov. 2024.

DE CARVALHO, Carlos. **Sobre limites e possibilidades do conceito de enquadramento jornalístico.** *Contemporânea*, v. 7, n. 2, p. 2, 2009.

CUNHA, V. **Palestina: uma história (inacabada) de múltiplas opressões.** *Millenium*, n. 10, 1998. Disponível em: <[Sousa, M. Ozana, Boyle, Rejane, Bonito, Jorge \(2010\). Avaliação de Diferentes Adubações na Cultura da Vinagreira](#)>Acesso em: 23 nov. 2024

COLLARES, Valdeli. **Ascensão do Hamas na Palestina: pobreza e assistência social 1987 - 2006.** Repositório Institucional Unimontes, Montes Claros, fev. 2012. Disponível em: <<https://repositorio.unimontes.br/handle/1/1132>>. Acesso em: 23 nov. 2024.

GUEDES, João, DIAS, Luciane, SOUSA, Rômulo. **A Mídia Ocidental e os povos Árabes – uma relação de preconceito e generalizações.** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação Região Centro-Oeste. Disponível em: <[R27-0044-1.pdf](#)>. Acesso em: 23 nov. 2024.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social.** Editado em inglês por Gerard Duveen. Tradução do inglês de Pedrinho A. Guareschi. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

NASCIMENTO, Francisco. **Palestina: breves considerações sobre soberania, Estado e território.** Rio Claro: Universidade Estadual Paulista, 2005.

PORDEUS, Marcel, SANTOS, Katia, CAETANO, Wildeson. **Decolonialidade e o conflito Israel X Palestina.** In: *Tensões Mundiais - Edição Extraordinária: Genocídio do Povo Palestino.* Fortaleza: UFCE, 2024. p. 243-262. Disponível em:

<[Decolonialidade e o conflito Israel X Palestina. | EBSCOhost](#)>. Acesso em: 23 nov. 2024.

RIBEIRO, Esther. **O Oriente Médio e o Islã sob o viés da mídia**. TCC, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2010.

RIBAS, Yohanna. **Guerra ao terror: um processo de (des)construção da narrativa do pós-11 de setembro (períodos de 2001 até 2009)**. TCC, Centro Universitário de Brasília (CEUB), 2022.

ROSA, Ana, SANTOS, Marlene. **Um olhar sobre o acontecimento midiático: dos meninos tailandeses na caverna às narrativas em circulação**. *Revista Panorama*, Goiânia, v. 10, n. 2, p. 02-07, jul./dez. 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.18224/pan.v10i2.8369>>. Acesso em: 23 nov. 2024.

SAID, Edward. **Orientalismo: O oriente como invenção do ocidente**. 1978. Tradução Tomás Rosa Bueno. Repositório da USP. Disponível em: <edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1861897/mod_resource/content/1/said_edward_w_-_orientalismo.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2024.

SOARES, Murilo. **Análise de enquadramento: métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. In: DUARTE, Jorge, BARROS, Antonio (orgs.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006. Disponível em: <[348542138-SOARES-2015-Analise-de-Enquadramento20200120-52654-17vdumv-libre.pdf](#)>. Acesso em: 23 nov. 2024.

TUCHMAN, Gaye. **Making News: A study in the construction of reality**. New York: Free Press, 1978.

Websites:

ALJAZEERA. Autoridades de Israel e do Líbano indicam acordo de cessar-fogo. Líbano, 2024. Disponível em: <[LIVE: Israel, Lebanon officials indicate ceasefire deal is close | Israel-Palestine conflict News | Al Jazeera](#)> Acesso em: 25 nov. 2024.

HUMAN RIGHTS WATCH. **Israel and Palestine**. Disponível em: <<https://www.hrw.org/pt/world-report/2024/country-chapters/israel-and-palestine>>. Acesso em: 24 nov. 2024.

BBC NEWS BRASIL. **Em 3 mapas, como território palestino encolheu e Israel cresceu desde partilha da ONU em 1948.** Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-57147042>>. Acesso em: 24 nov. 2024.

OLHAR DIGITAL. **Cada vez mais brasileiros usam Instagram como ferramenta de acesso a notícias.** Olhar Digital, 17 jun. 2020. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2020/06/17/noticias/instagram-se-torna-cada-vez-mais-um-a-ferramenta-de-acesso-a-noticias/>. Acesso em: 24 nov. 2024.

FOLHA DE S. PAULO. **Caminhões de ajuda humanitária entram na Faixa de Gaza pela fronteira com Egito.** Folha de S. Paulo, São Paulo, 2023. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2023/10/caminhoes-de-ajuda-entram-na-fronteira-do-egito-entre-rafah-e-faixa-de-gaza.shtml>>. Acesso em: 24 nov. 2024.

FOLHA DE S. PAULO. **Explosão de hospital em Gaza deixa mortos e feridos; Israel e palestinos trocam acusações.** Folha de S. Paulo, São Paulo, 2023. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2023/10/hamas-diz-que-ataque-de-israel-a-hospital-em-gaza-deixou-centenas-de-mortos.shtml>>. Acesso em: 24 nov. 2024.

FOLHA DE S. PAULO. **Israel declara guerra após ataque surpresa do Hamas; ao menos 482 morrem.** Folha de S. Paulo, São Paulo, 2023. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2023/10/israel-declara-guerra-apos-hamas-lancando-grande-ataque-surpresa.shtml>>. Acesso em: 24 nov. 2024.

FOLHA DE S. PAULO. **Exército de Israel dá 24h para que 1,1 milhão de palestinos deixem norte de Gaza.** Folha de S. Paulo, São Paulo, 2023. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2023/10/israel-ordena-que-palestinos-no-norte-da-faixa-de-gaza-se-realoquem-ao-sul-em-24h.shtml>>. Acesso em: 24 nov. 2024.

FOLHA DE S. PAULO. Sobre a Folha. São Paulo, 2024. Disponível em: <[Conheça o Grupo Folha](#)>. Acesso em: 25 nov. 2024.

MONIN, Serguei. **Israel bombardeia hospital em Gaza, e número de mortes ultrapassa 500, dizem autoridades palestinas.** Brasil de Fato, São Paulo, 17 out. 2023. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2023/10/17/israel-bombardeia-hospital-em-gaza-e-numero-de-mortes-ultrapassa-500>>. Acesso em: 24 nov. 2024.

RED. BRASIL DE FATO. **Apenas 20 caminhões chegam em Gaza na primeira abertura da fronteira com Egito para ajuda humanitária.** Brasil de Fato, Brasília, 2023. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2023/10/21/apenas-20-caminhoes-chegam-em-gaza-na-primeira-abertura-da-fronteira-com-egito-para-ajuda-humanitaria>>. Acesso em: 24 nov. 2024.

RED. BRASIL DE FATO. **Israel declara guerra ao Hamas e ataques já mataram quase 200 palestinos.** Brasil de Fato, São Paulo, 2023. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2023/10/07/israel-declara-guerra-ao-hamas-e-ataques-ja-mataram-quase-200-palestinos>>. Acesso em: 24 nov. 2024.

OLIVEIRA, Caroline. **Israel indica invasão ao norte de Gaza e dá 24h para que civis evacuem; ONU fala em 'consequências devastadoras'.** Brasil de Fato, São Paulo, 2023. Disponível em: <[Israel indica invasão ao norte de Gaza e dá 24h para | Internacional](#)>. Acesso em: 24 nov. 2024.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD 2023.** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2023.

SANTOS, A. C. **Marketing Digital: Estratégias e Tendências nas Redes Sociais.** São Paulo: Atlas, 2019.

SILVA, R. F. **O Impacto das Redes Sociais no Comportamento do Consumidor.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2021.